

FIG. 5 — CONJUNTO DE UM APARELHO PARA EVAPORAÇÃO NO VACUO
 A TEMPERATURA ORDINARIA

trompa dupla de Alvergnyat; a, b, c, ligações; aa, bb, cc, tubos de chumbo; A, B, C, redomas para vacuo; y, z, corpos das duas trompas; c', c'', c'''; a', a'', a''', torneiras; T, trompa aspirante e premente de Muencke; n, manometro para ar comprimido; m, manometro para vacuo; r, canal para ar comprimido.

d'aquelle que Yvon aconselha para a evaporação da urina nas mesmas condições.

Este aparelho não vem a ser senão uma campana para vacuo, de pequenas dimensões, disposta de modo a poder ser aquecida no interior por um tubo metallico em espiral, onde circula uma corrente de vapor. O vapor entra por um tubo de latão que atravessa a chapa de vidro sobre que repousa a redoma e sahe depois tambem pela outra extremidade d'este tubo, que atravessa tambem a mesma chapa proximo ao ponto de entrada. E' sobre a serpentina, e n'um suporte apropriado, que se colloca a capsula com o liquido a evaporar. O vacuo faz-se aqui tambem por meio de uma trompa, que extrahe, primeiro o ar, depois os vapores aquosos ou outros, á medida que se formam, fig. 6.

Um pequeno crystallizador com acido sulfurico ou phosphorico absorve tambem uma parte dos vapores aquosos formados.

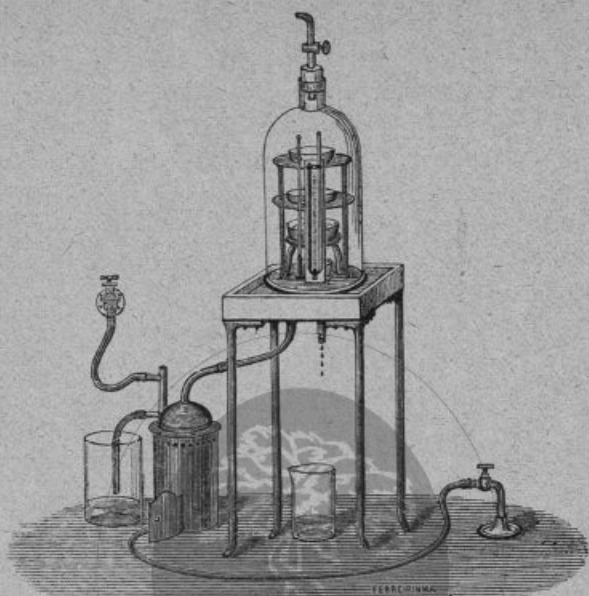


FIG. 6—APPARELHO DE YVON MODIFICADO, PARA EVAPORAÇÃO NO VÁCUO A QUENTE

No aparelho de que usamos ha um suporte especial, onde podem collocar-se pequenas capsulas, vasos d'extracto ou vidros de relógio, e a esse suporte estão fixos, um manómetro truncado: que indica o grau de rarefacção obtido, e mostra se o aparelho veda bem ou não; e um thermometro, indicando a temperatura.

N'este aparelho, é a capsula disposta no suporte inferior, a que mais aproveita com o aquecimento determinado pela passagem do vapor aquoso atravez da serpentina, sendo a transmissão do calor produzido por ahí conductibilidade e irradiação

A. J. Ferreira da Silva.

(Conclue).

da Ordem dos Farmacêuticos

MEDICAMENTOS NOVOS

Solutol e Solocol

—*—

Sob estes nomes, designam-se productos desinfectantes, cuja base é o crésylol, e que são soluveis na agua.

O solutol é composto de cresylol tornado solúvel pela adição do cresylato de soda. Contem, por 100, 60,4 de cresylol, cuja quarta parte, somente, está no estado livre; o resto no estado de cresylato de soda. Este producto é um microbicida precioso. Segundo o dr. Hammer, um soluto de solutol a 0,5 por 100 esterilizou em cinco minutos todos os caldos de cultura em que fez experiencias. Assim, o solutol está indicado para a desinfecção dos escarros, excrementos, etc., assim como para impedir a putrefacção dos cadaveres.

Para desinfecar as estufas, carruagens para transportar gado, adubos provenientes d'animaes doentes, aconselha-se regar com um soluto a 10-20 por 100, ou lavar com um soluto a 5 por 100.

A casa commercial, que expõe a venda estes productos, apresenta duas sortes de solutol: solutol *bruto* que contem fracas quantidades de pyridina e hydrocarburetos, e solutol dito *puro* desembaraçados d'estas substancias. O solutol não pode ser empregado em cirurgia pela sua alcalinidade.

O solocol é composto de cresylol e de cresotinato de soda. O producto é neutro e pode, por consequencia, ser utilizado em cirurgia. O dr. Hommer aconselha os solutos a 0,5 por 100, que equivalem, segundo elle, aos solutos da phenol a 2, de mesmo 5 por 100.

Centro de Documentação Farmacêutica

Thilanina ou lanolina sulfurada

da Ordem dos Farmacêuticos

Este producto faz lembrar um antigo medicamento, o *balsamo d' enxofre simples* ou *oleo de linhaça sulfurado*, que se preparava aquecendo a flôr d' enxofre no oleo de linhaça. A thilanina obtem-se, com effeito, pela acção de enxofre sobre a lanolina e será, na opinião de Seibels, uma verdadeira combinação d'estes dois corpos.

A thilanina contem 3 por 100 d' enxofre e apresenta-se sob a forma d'uma massa amarella atrigucirada, possuindo a consistencia da lanolina e dotada de cheiro proprio. O dr. Saalfeld preconisa o seu emprego na desmatotherapia, e assegura que se deve preferir aos productos analogos n'um grande numero d'affecções da pelle, porque accalma o prurido sem produzir nenhuma irritação.

PHARMACIA

O chumbo nos acidos tartarico e citrico

Na sessão de 26 d'abril ultimo da Sociedade de pharmacia de Paris, M. Buchet, director da pharmacia central de França, chamou a attenção dos collegas sobre a presença do chumbo no acido tartarico. Esta comunicação apresenta dois pontos interessantes: 1.º a presença do chumbo no estado metallico e no estado de combinação; 2.º a dosagem do chumbo sobre estas duas formas n'um certo numero d'amostras commerciaes de proveniencias diversas.

A este proposito, M. Guyot reclamou a prioridade d'esta descoberta, e a *Union pharmaceutique* respondeu-lhe judiciosamente que o primeiro fôra certamente o pharmaceutico militar, a quem tinha sido incumbida a analyse do acido tartarico rejeitado pela administração de guerra. Já M. Ch. Em. Schmitt, em 1873, aconselhou o emprego do hydrogenio sulfurado para o ensaio dos acidos tartarico e citrico, que, como se sabe, são preparados em tinas de chumbo.

A presença do chumbo e do cobre está indicada em muitas obras, e entre ellas: 1.º *Traité de Dufflos (Handbuch der angewandten, pharmaceutisch und Technisch Analyse)*, F. Hirt, editor, Breslau 1871; 2.º *Traité*

pratique de l'essai des médicaments, de Ch. Schmid et Wolfrum, traducção do professor Strohl, Reinwald, editor, Paris 1877.

M. Schmitt, em 1876, verificou tambem a presença do chumbo no acido tartrico, de que havia de servir-se para uma analyse medico-legal n'um caso de envenenamento. Antes de empregar o methodo tão pratico do professor Dragendorff, de Dorpat, tratavam-se as materias suspeitas pelo alcool acidulado pelo acido tartrico, alcool que devia extrahir-lhes os alcaloides, glucosides ou outros productos organicos venenosos. Depois d'este tratamento, procedia-se á pesquisa das materias mine-
raes, e a analyse induzia a concluir um envenenamento pelo chumbo, quando este, causa suspeita do delicto, se encontrava no reagente empregado, o acido tartrico.

Para purificar, ou melhor, para se obter um acido tartrico puro para laboratorio, M. Schmitt applica o processo de Ficus, que elle recommenda.

Toma-se o sal de Seignette (tartrato dobrado de sodio e de potassio); dissolve-se, e precipita-se pelo chloreto de zinco; o tartrato de zinco assim obtido é bem lavado, depois decomposto por uma corrente de hydrogenio sulfurado e filtra-se. O liquido filtrado, conservado quente entre 70 e 80 graus, soffre a accção d'uma corrente d'ar ou d'acido carbonico, para lhe tirar o sulfureto d'hydrogenio; deixa-se esfriar. Filtra-se segunda vez, e o soluto é evaporado no vacuo, ou, se ha d'isso urgencia, abandona-se sob uma campana, por cima do acido sulfurico. Obtem-se assim um acido tartrico que pôde servir para as pesquisas toxicologicas.

Para o acido citrico, o tratamento pelo acido sulfhydrico é tambem necessario: uma Revista pharmaceutica menciona o caso d'uma limonada de citrato de magnesia que continha um sal de cobre soluvel, cujo peso correspondia a vinte e seis centigrammas de cobre metallico em 60 grammas de citrato de magnesia.

Reacção da quinina

—*—

Esta reacção característica, não dá sempre bom resultado quando se executa o methodo geralmente adoptado, isto é, por meio da agua de chloro e do ammoniaco.

Eis um processo, cujo principio é conhecido ha muito tempo e dá bom resultado.

Misturam-se n'uma proveta 0,05 de sal de quinina, 0,10 de hypochlorito de cal, 10 centimetros cubicos de agua e 20 gottas d'acido chlorhydrico diluido. Agita-se vivamente por muitas vezes, dilue-se em 200^{cc}, depois ajuntam-se lentamente 5^{cc} d'ammonia. A bella coloração verde apparece quasi immediatamente e, no fim d'alguns minutos, attinge o seu maximo d'intensidade. Pela addição d'um acido mineral qualquer, a côr verde passa a vermelha.

Obtem-se egualmente a reacção da thalléioquinina, mas com uma bella *nuance* azulada, quando a um soluto de 0,05 de sal de quinina, em 200^{cc} d'agua e algumas gottas d'acido acetico, ajuntarmos uma ou duas gottas d'agua saturada de bronio e, algum tempo depois, 5^{cc} d'ammonia.

Os saes da quinidina dão exactamente as mesmas reacções, enquanto que os da cinchonina e da cinchonidina ficam completamente indifferentes aos reagentes precitados.

da Ordem dos Farmacêuticos**Salicylato d'esperina**

—*—

Este sal prepara-se da seguinte maneira:

Dissolvem-se em agua 100 partes de sulfato d'esperina e ajunta-se ao soluto um excesso de bicarbonato de soda previamente dissolvido em agua. Agita-se viva-

mente por muitas vezes com ether tão puro quanto possível (não deve conter água nem alcool), reune-se o liquido ethereo e filtra-se para um vaso contendo 35,6 partes d'acido salicylico em solução no ether. O salicylato d'esperina separa-se. Reune-se sobre um filtro, e lava-se com ether puro e secca-se á temperatura ordinaria, ao abrigo da luz.

O sulfato d'esperina contem 71 por 100 de base e o salicylato 66,59 por 100. É por isto que é necessario empregar 35.6 por 100 d'acido salicylico para 100 partes de sulfato.

O producto obtido differe um pouco do sal commercial, os crystaes são muito mais pequenos e a massa total mais volumosa; as suas propriedades, porem, são as mesmas.

É importante fazer a preparação ao abrigo da luz afim d'evitar a formação do *rubésérina*. Quando se forme, pode-se tirar do soluto ethereo agitando-o com o soluto d'hyposulfito de soda.



Kolas africanas

Grãos de *kola acuminata*, originaria da Africa tropical, da familia das malvaceas.

Os grãos contem:

Cafeína.....	2,348
Tannino e um vermelho especial.....	1,618
Materias proteicas.....	6,761

Pharmacologia. — Prepara-se o extracto aquoso tratando os grãos a frio pela agua distillada.

Extracto alcoolico

Sementes de kola.....	1 parte
Alcool a 60°.....	5 partes

Macere durante 15 dias, distille e evapore.

Sacchareto de kola

Sob o nome de kola granulada, Astier prepara um sacchareto de maneira a representar em peso o pó de noz de kola torrefeita. E' um preparado analogo aos extractos fluidos americanos, sob uma forma mais commoda.

Dose. — Uma a tres colheres das de chá por dia.

Chocolate de kola

Pó de kola.....	60 grammas
Manteiga de cacao.....	40 »
Assucar com baunilha.....	60 »

Divida em 60 pastilhas.

Therapeutica. — E' um tonico do coração, graças á notavel quantidade de cafeina que contem. Dá excellentes resultados em certas formas de dyspepsias e nas diarrheas chronicas.

Em 1890 houve grande discussão entre G. Sée e Heckel sobre a utilidade da kola. Segundo o primeiro, a kola é perfeitamente inutil, a qual só deve a sua actividade á cafeina e que pode ser substituida sem augmentar a materia medica com um novo medicamento. Heckel, pelo contrario, attribue ao vermelho da kola uma parte da acção da planta sob o ponto de vista estimulante, e preconisa o emprego de kola na alimentação dos soldados.

O dr. G. Bardet julga que a acção estimulante é com effeito devida á cafeina, que combate a anemia cerebral promovida pela dieta, mas julga tambem que alem d'esta acção particular, a kola é preciosa pelo vermelho que tem uma acção anti-diarrheica evidente; ora, tendo isto em attenção, o uso da kola é certamente excellente para o soldado no qual a fraqueza physiologica tem tendencia a conduzir á dysenteria. Succede o mesmo nos debilitados, convalescentes, etc.

Doses. — A kola administra se em infuso preparado com 50 a 100 grammas de pó torrado. O extracto alcoolico emprega-se na dose de 0,50 a 1,50 por dia.

TOXICOLOGIA.

A existencia de estrychnina no cerebro em seguida á administração d'este alcaloide

Em 1879, MM. Grandval e Lajoux notaram a presença da estrychnina no cerebro d'um individuo, que havia succumbido depois da administração da tinctura de noz vomica pela via hypodermica.

Dragendorff nega que a estrychnina possa ser encontrada no cerebro; alguns auctores, Gay, Schlagdenhanffen e Garnier entre outros, chegaram a conclusões semelhantes ás de MM. Grandval e Lojoux.

No caso de MM. Schlagdenhanffen e Garnier, que data de 1882, tratava-se d'uma pessoa envenenada por uma dose grande de estrychnina, e então, podia-se supor que o alcaloide não tinha tido tempo de se localisar nos centros cerebraes, como isto pode succeder mais facilmente quando a estrychnina é absorvida, durante um certo tempo, em dose therapeutica.

MM. Grandval e Lajoux acabam de fazer recente-

mente uma experiencia, na qual poderam verificar, mais d'uma vez, a presença da estrychnina no cerebro. A dose do toxico tirada do estomago era de 42 milligrammas. Pode-se então affirmar que, em qualquer dose que seja administrada a estrychnina, e que a morte sobrevenha lentamente ou rapidamente, o alcaloide se encontra no cerebro.

MM. Grandval e Lajoux seguiram, para a pesquisa da estrychnina, o mesmo processo que em 1879 (1); este processo consiste em diluir o cerebro em alcool a 95°, adicionado d'acido tartrico; digere-se a banho maria, durante tres horas, á temperatura de 80° pouco mais ou menos; passa-se por panno de linho; trata-se duas vezes ainda pelo alcool; reúnem-se os liquidos alcoolicos; filtra-se; evapora-se; filtra-se o residuo, que se trata em seguida pelo ether, que não dissolve o tratado da estrychnina; ajunta-se ammoniaco ao liquido aquoso: agita-se com chloroformio; evapora-se o liquido chloroformico; trata-se o residuo pelo acido sulfurico concentrado, que não destroe a estrychnina; trata-se duas vezes pelo chloroformio e acido sulfurico; obtem-se um residuo incolor muito amargo, que, dissolvido com o auxilio do acido sulfurico, dá, com o reagente Valser, um precipitado floccoso branco amarellado, o qual tratado pelo acido sulfurico e bichromato ae potassa, produz uma turvação, á qual succede, pelo repouso, um precipitado amarello e crystallino do chromato de estrychnina. Este precipitado, lavado com algumas gottas d'agua distillada, e posto em contacto com o acido sulfurico concentrado por meio d'un agitador molhado, observa-se uma coloração azulada, depois rosa e finalmente verde amarellada.

São estes os caracteres da estrychnina.

(1) *Journ. de ph. et de chimie*, tome XXX, 1879, pag. 164.

VARIEDADES

Salpingo-Ovarites

Defendeu these na escola medico-cirurgica de Lisboa, o nosso sympathico amigo Eduardo da Costa e Oliveira, ex-interno dos hospitaes, que durante o seu curso foi varias vezes approvado com louvor, escolhendo para thema da conclusão dos seus trabalhos escolares, e inauguração da sua carreira medica a—*Salpingo-Ovarites*.

Não temos competencia para nos pronunciarmos sobre as doutrinas expendidas pelo novo medico; mas o que podemos affirmar, é que tratou o assumpto por uma fôrma clara e correcta.

E na introduccão diz-nos que todos os seus sacrificios e desalentos, «ficam bem compensados com as alegrias immensas que enchem n'esta hora a alma de seus extremosos paes...»

E' muito significativo isto: e nós que conhecemos sua familia, que dedicamos sincera amisade a seu pae, o nosso digno consocio, collega e camarada Anthero da Costa e Oliveira, aqui registamos os parabens que lhe enviámos, agradecendo tambem a these que nos offertou.

F. de Carvalho.

da Ordem dos Farmacêuticos

Cascara sagrada como tœnifugo

Stephens cita dois casos d'expulsão da tœnia em seguida á administração do extracto fluido da cascara sagrada, e recommenda o ensaio d'este medicamento, que apresenta a vantagem de não produzir colicas, nem vomitos.

NECROLOGIA

Conselheiro Ferreira Lapa

—*—

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana perdeu um dos seus membros mais conspicuos, que mais a honravam e de que ella tinha rasão sobeja para se vangloriar, como terá sempre que vir no seu gremio homens que façam da sciencia um sacerdocio e que a cultivem dando exemplos incontestaveis de estudo e applicação.

Era d'esse numero o nosso socio honorario, João Ignacio Ferreira Lapa, que a morte roubou á sciencia e á patria.

Pobre, humilde, educado nos mais tenros annos n'um estabelecimento pio, foi pouco a pouco subindo e tanto que os fructos do seu talento provaram desde logo que não se via n'elle o homem vulgar, mas um homem privilegiado, de qualidades brilhantes, superiores.

Ha homens laboriosos, uteis, amantes da sciencia, dedicados ao seu desenvolvimento, crentes nos seus meios e progressos. Ferreira Lapa, pelos seus meritos, estava na primeira linha e excedia-os nos constantes fructos de seus labores.

E' por isso que a sua perda causou tão profunda impressao entre os nossos consocios e entre os seus amigos, discipulos e admiradores; e é por isso que eu devo considerar de luto a Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Aos seus notaveis merecimentos juntava Ferreira Lapa um, pelo qual elle tinha jus a todos os respeitos, a todas as sympathias, a todas as considerações da nossa Sociedade — a de ser um chimico eminente.

Vi-o muitas vezes no laboratorio chimico do Instituto Agricola. Trabalhei ao seu lado, como humilde mas de-

votado discipulo, amigo e admirador; e tive repetidas occasões de avaliar, tanto quanto me era possivel fazel-o, a consciencia e a importancia dos seus trabalhos.

Porque Ferreira Lapa não era somente o mestre sapiente no ensino das aulas; era tambem, e como poucos, o trabalhador prudente, indefesso, no gabinete. Podem affirmal-o, sem excepção, todos os seus discipulos. E se não bastára o seu testemunho, estava ahí a sua obra, que é portentosa.

Teria elle necessidade de produzir assim? Teria vantagem em abreviar os dias da sua preciosa existencia com labores persistentes e inadiaveis? Teria lucro em accumular as provas do seu valor quem já dera tantas e tão notaveis? Não.

O que elle queria era demonstrar, a cada passo, que não desejava perder, embora á custa de sacrificios, o culto de sciencia, o encanto da sua vida, o alvo unico de suas ambições.

Ferreira Lapa era verdadeiramente extraordinario e as suas aptidões estavam bem caracterisadas. Na sua passagem, entre os cultores e os apostolos da sciencia, deixa um rasto muito luminoso.

Por occasião da sua morte, cumpriu a imprensa diaria o seu dever dedicando á memoria querida d'esse varão illustre artigos cheios de sentimento e de verdade, e pondo mais uma vez em evidencia o bom character e os altos serviços de Ferreira Lapa. Ficaram, pois, ahí registrados, não só os dados mais salientes da sua tão honrosa biographia, mas tambem o numero e importancia dos seus livros, que eram sobejamente conhecidos e devidamente apreciados.

Entre elles, por exemplo, não deixarei de citar, como trabalho de folego e de grandissima vantagem para o ensino a sua *Technologia rural ou artes chemicas, agricolas e florestaes*, que teve já tres edições e o consumo de

alguns milhares de exemplares; o seu *Compendio popular de physica e chimica*; a sua *Memoria sobre o estudo industrial e chimico dos trigos portuguezes*, etc., nos quaes Ferreira Lapa apresenta muitas analyses, que teem servido de guia seguro para trabalhos de laboratorio e de consulta nos estudos da chimica applicada.

Citem-se ainda: a parte que elle tomou no estudo acerca dos vinhos em Portugal com os tambem illustres professores, visconde de Villa Maior e Antonio Augusto d'Aguiar; a sua valiosa cooperação na exposição de Paris, em 1878, de que saiu uma brilhante *Revista*; o seu Relatorio que acompanha as analyses chimicas dos vinhos que concorreram á exposição da Tapada da Ajuda, em 1884, em que me coube a honra de ser seu auxiliar; e, enfim, como formoso modelo de eloquencia academica os seus *Discursos* inauguraes na abertura das aulas do instituto agricola, que muitos dos nossos consocios tiveram occasião de ouvir e applaudir.

Nada mais tenho, pois, que accrescentar a esse registo, nem seria aqui o logar proprio de entrar em apreciações mais desenvolvidas da sua grande obra, cuja analyse deve pertencer a quem houver de erguer-lhe um novo e perduravel monumento no seu — «Elogio academico».

Cabe-me agora apenas a mim, pela humilde parte que tenho no jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e em nome da sua redacção, e como seu affectuoso amigo, deixar a simples, mas dolorosa menção, do profundissimo sentimento com que recebemos a noticia da morte d'esse varão insigne, que tanto soube honrar a sciencia e a patria; e de depositar este singelo tributo da nossa saudade eterna junto do sepulchro d'esse que foi amigo e mestre inimitavel.

Oliveira Abreu.

PEÇAS OFFICIAES

Acta da Sessão Solemne Anniversaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana em 30 de Julho de 1892.

Presidencia do sr. dr. Alves

As 9 horas da noite, achando-se na sala muitos socios e espectadores, occupou a Meza o seu respectivo logar.

O sr. presidente annunciando aberta a — *Sessão Solemne Anniversaria*, — deu a palavra ao abaixo assignado, e em seguida ao sr. Emilio Fragoso, 1.º secretario, para lerem os respectivos relatorios, terminando este acto com o discurso do mesmo sr. presidente, que encerrou a Sessão Solemne Anniversaria, sendo 11 horas.

O 2.º secretario,
José Reya Campos.

RELATORIO DOS TRABALHOS

DA

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

RELATIVO AO 57.º ANNO DA SUA INSTALLAÇÃO

Lido na sessão de 30 de junho de 1892 pelo segundo secretario — José Maria Reya Campos.

SENHORES. — Em cumprimento do mandato com que me honrastes, vou apresentar-vos o modesto relatorio que se segue, pedindo-vos toda a vossa benevolencia e que olheis mais para o fim que elle deseja attingir, do que para as incorrecções de estylo e redacção, que n'ella encontrareis.

SENHORES. — Ardua e espinhosa foi a tarefa da nossa Sociedade durante o anno que hoje finda; questões momentosas e do mais alto interesse profissional aqui se debateram: numerosos são os trabalhos por ella encetados e de que alguns conseguio sair victoriosa, luctando sempre com intrepidez e vigor, que é já conhecido de todos nós, quando se tracta dos interesses de classe.

Infelizmente ainda me não cabe a mim a alegria de vos noticiar, que o debatido projecto d'organisação das escolas pharmaceuticas, já foi approvedo ou está em via de proxima execução; apesar das conferencias e instancias da meza, juncto do ministerio do reino, nada até hoje se resolveu, e agora, visto o estado economico do thesouro, apezar mesmo do projecto o não assoberbar com despezas de maior, é opinião seguida, que tarde conseguiremos que a classe pharmaceutica portugueza se eleve litterariamente ao nivel das suas congeneres n'outros paizes, sendo isto motivo para magua íntima de todos aquelles, que ainda teem amôr pelo bom nome e illustração da Patria; mas, no entanto, não descancemos, mas, ao contrario, continuemos sempre exigindo o cumprimento d'um dever tão nobre, e protestemos por todos os meios, contra a incuria e falta d'attenção dos governos para um assumpto de tanta gravidade.

Em reunião do vosso conselho administrativo, foram apresentadas propostas para a mudança da séde da Sociedade, por, se reconhecer urgente a transferencia para casa mais apropriada; mas o estado financeiro do nosso cofre ainda não permitiu esse excesso de despeza; não obstante satisfazendõ-se a vontade d'alguns socios que já aqui se manifestaram n'este sentido, nomeou-se uma commissão para estudar a melhor forma de se adquirir uma casa, propriedade nossa, o que, á primeira vista, parecerá fora de proposito, mas que, com

alguma vontade e pouco sacrificio, facilmente se poderá levar a effeito.

Realizado isto, de forma a poder depois organizar-se um muzeu promovendo certamens profissionaes lançar-se-ha por este modo na classe, o gosto pelo estudo, pelo principio associativo, considerado modernamente uma poderosa alavanca de educação e authonomia social.

E' infelizmente bem conhecido de todos vós a relucancia de muitos dos nossos collegas pela filiação na Sociedade, e se grande numero estão filiados, julgam já com este facto ter cumprido o seu dever apesar de nunca assistirem ás nossas sessões, não podem com o seu concurso d'aptidões e intelligencias auxiliar os poucos que ainda se não cansaram — facto este que não seria tão sensivel se aquella aspiração da Sociedade podesse realizar-se.

E' com a mais viva satisfação que aqui consigno que a vossa commissão de chimica continua exforçando-se para que o bom nome d'esta Sociedade, se mantenha no honroso caminho ha tanto tempo encetado.

Não devemos esquecer os engrandecimentos que a Sociedade dirigiu aos dignos pares do Reino ex.^{mos} srs. conde de Restello, Bernardino Machado e Thomaz Ribeiro, pois, devido á inergica attitude de ss. ex.^{as} na mesma camara, não se consummou mais uma illegalidade, concedendo dispensa de preparatorios a um novo requerente.

Toda a classe em geral, e, principalmente, a nossa Sociedade sentio profundamente a falta d'um dos seus membros e inergico trabalhador, que, pela sua honestidade, e integridade de principios era geralmente estimado: refiro-me ao nosso saudoso companheiro de trabalho João de Jesus Pires que a morte tão prematuramente nos arrebatou.

Não deixemos no olvido o nosso illustrado consocio

o sr. Emilio Fragozo, sempre incansavel, sempre um dos primeiros a collocar se na brecha em defeza dos interesses da classe, tendo nós a satisfação de ver mos muitas reclamações attendidas, devido em grande parte ao relator emerito; a modestia de S. Ex.^a desculpar-nos-ha este grito expontaneo d'agradecimento.

Não nos esquecemos ainda, dos bons resultados obtidos pelos esforços empregados por S. Ex.^a na importante questão da reforma das alfandegas, devendo tambem em grande parte as vantagens que a classe obteve do ex.^{mo} sr. Luciano Cordeiro, por isso bem lhes cabe aqui as nossas mais sinceras expressões de reconhecimento.

Ha longos annos que a classe Pharmaceutica Portugueza atravessa uma dolorosa crise.

Muitos foram os trabalhos e esforços empregados para a conjurar, mas tudo foi sempre improficuo.

Hoje porem, em que as mais poderosas e industriaes nações do mundo, como as dos Estados Unidos da America, se convenceram do erro ha tanto tempo commetido, seguindo a theoria livre-cambista, o nosso paiz, á imitação d'elles, erguendo-se tambem um pouco da sua constante inercia, reformou o seu systema pautal e adoptou o regimen prohibitivo, que teve e ainda tem muitos inimigos: de parte a parte ha argumentos bastante fortes p'ro e contra, mas no que respeita á industria essencialmente pharmaceutica, nenhum ainda se apresentou que não fosse facilmente destruido.

A nova tarifa de direitos dos medicamentos vem necessariamente despertar a classe do marasmo secular que a tem inutilisado ha tanto tempo, e que transformava as nossas officinas, em armazem de retem de productos estrangeiros.

A injustificada protecção e preferencia a tudo quanto provinha d'além fronteira, deve deixar de ser.

Os nossos laboratorios poderão d'ora avante orgu-

lhar-se pela attenção nova e persistente de que vão ser objecto.

A geração, actual desenvolvendo as suas multiplices aptidões, aplainará o caminho, para os vindouros, que encontrando a estrada livre de tanto escolho e embaraço, poderá levantar bem alto o grito de liberdade industrial, acreditado sem favor.

A pharmacia Portugueza, que está ainda na infancia, terá muito que lutar e soffrer dolorosamente os revezes do inicio, mas com persistencia, vontade e trabalho, conquistará o logar que de direito lhe pertence na vanguarda do progresso.

O anno 57.^o da nossa Sociedade deve ficar bem gravado nos annaes da pharmacia nacional, pois o decreto prohibitivo de entrada a medicamentos de composição secreta, a nova reforma aduaneira, foi devida aos exforços e protestos reiterados do Centro Pharmaceutico Portuguez e da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e ao valioso auxilio que n'esta importante questão nos foi prestado pela douta Sociedade das Sciencias Medicas.

Orgulhamo-nos pois, por isso que estas tres agremiações reunidas conseguiram uma solução de importancia capital para toda a classe, e que tão anciosamente era esperada.

Depois de demorada e renhida campanha conseguiu-se enfim este desideratum: mas, é preciso que nos não deixemos enervar nas delicias de Capua, mostremos a todos os nossos inimigos, e a todos aquelles que tão contrarios nos foram, que a classe pharmaceutica é digna de tal protecção e ainda de maior justiça.

E' necessario que cada um de per si, trabalhando com affinco, convença os incredulos, que ainda os ha, que a classe pharmaceutica, por meio de aturado estudo e trabalho, pode viver sem o concurso de estrangeiros: mas que este arranco de inergia se não limita

tão sômente a copias extranhas, mas sim que produza e faça acreditar o que produz.

Com regosijo vos annuncio que um grande numero de collegas conseguiram já provar a verdade da minha accerção, uns fabricando productos que até agora só importavamos, outros lançando no mercado novos medicamentos, que pela forma que os apresentam, os tornam recommendaveis.

E para que estes trabalhos não sejam de forma alguma prejudicados, ainda na ultima sessão da nossa Sociedade, ella approvou a proposta de um socio para que se officiasse ao Governo, pedindo-lhe a nomeação d'um tecnico pharmaceutico adjuncto ás alfandegas, evitando-se assim que o novo decreto seja sophismado ou mal interpretado.

Necessario pois se torna, que nós todos nos compentremos da urgencia d'esta *vida nova*, porque, se por acazo a influencia dos nossos inimigos, que são innumeros, se emfim os novos tratados de commercio, poderem ou vierem roubar nos regalias ganhas á custa de tantas lides, nós, já possamos com vantagem rivalisar com todos os productos similares estrangeiros e até mesmo excedel-os se possivel fôr

A despeza e receita do anno findo foi:

Receita	825 ⁷ 256
Despeza	774 ⁷ 448

Saldo para o anno seguinte. 50⁷808

Disse,

Programma das questões scientificas, lista dos doadores, e objectos doados, e o resumo do quadro actual da Sociedade com as alterações occorridas no anno findo, relativo ao 57.º anno da installação da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, apresentado em sessão de 30 de Julho de 1892 pelo sr. Emilio Fragoso, 1.º secretario.

Premio José Dionysio Corrêa

FUNDADO NO QUINQUAGESIMO ANNO DA INSTALLAÇÃO
DA SOCIEDADE

Programma de concurso

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.º do art.º 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias, o seguinte programma para o concurso que ha de ser julgado no proximo anno.

Memoria sobre qualquer questão de pharmacia ou sobre assumpto de interesse profissional

Condições

Os premios consistirão na adjudicação do diploma de *Membro Benemerito* acompanhado de um *bonus* de cincoenta mil réis ao premiado em primeiro logar.

No diploma de *Membro Honorario*, aos que se seguirem, quando suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

N'estes premios terão direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente á questão escolhida.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem natu-raes d'este paiz, e em francez, se forem estrangeiros, e

virão dirigidas ao primeiro secretario da Sociedade, por todo o mez d'abril do anno em que tiverem de ser julgados.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigrapha da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria for premiada, no caso contrario a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigrapha declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria, deverão ser para este fim approvadas pela Sociedade, e além d'isto serão impressas e publicadas na colleccção que terá por titulo «*Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*», recebendo os seus auctores vinte exemplares da referida impressão.

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes nem sempre serão uma prova de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho de que seus auctores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade n'este programma.

LISTA

DOS

DOADORES E OBJECTOS DOADOS

À
SOCIEDADE

DURANTE O QUINQUAGESIMO SETIMO ANNO

Pelo Sr. A. J. Ferreira da Silva, do Porto.— O reconhecimento analytico da cocaina e seus saes.— O emprego do sulfo-selenito de ammoniaco para caracterisar os alcaloides.— O oxydo amarello de mercurio na analyse dos vinhos.— O caso medico-legal, Gonçalves, do Porto.— Contribuições para a hygiene da cidade do Porto.

PELO SR. A. J. D'OLIVEIRA, DE LISBOA.—Philosophia da medicina em Portugal.—Phases e crises da medicina portugueza.

PELO SR. AUGUSTO CESAR DA COSTA GOES, DE AVEIRO.—Agenda-formulario-medico pharmaceutica, de 1892.

PELO SR. COMMENDADOR JOSÉ TEDESCHI, DE LISBOA.—Semanario Farmacéutico, de Madrid.—El sentido católico en las ciencias medicas, de Barcelona.—Boletin del cambio farmacéutica español, de Madrid.—Gaceta de oftalmologia, otologia y laringologia, de Madrid.—El Restaurador Farmacéutico, de Barcelona.—El Sorvenir Farmacéutico, de Madrid.—La Farmácia Española, de Madrid.—Boletin de hidroterapia, de Barcelona.—Revista de sanidad militar, de Madrid.—Boletin de Medicina y Farmácia, de Barcelona.—Boletin Farmacéutico de Barcelona.—La Farmácia Moderna, de Madrid.—Gaceta Sanitaria, de Barcelona.—El Aula Médica de Valladolid.—El Especialista Médica Farmacéutica, de Barcelona.—La Revista científica, de Madrid.—La Salud, de Barcelona.—El Investigador Médico, de Guadalajara (México).—Lá Veterinaria contemporanea, de Madrid.—La Gaceta Científica, de Lima (Peru).—El Monitor Médico, de Lima, (Peru).—La Crónica Médica, de Lima (Peru).—Anales de la «Sociedad de Farmácia de Santiago de Chile».—Revista Médica, de Chile.—Revista Médica, de Bogotá.—El Estudio, Semanario de Ciencias Médicas, do México.—Revista de Higiene, de Bogotá.—El Investigor Médico, de Guadalajara, México.—Giornale medico del esercito e della marina, de Roma.—Giornale de farmácia, di chimica e de scienze affini, publicado dalla Società di farmácia di Torico.—L'Orozi, giornale di chimica, farmácia e scienze affini, publicazo per cura dell'associazione chimico-farmacéutica fiorentina.—Bulletin des travaux de la «Société de Pharmacie de Bordeaux».—Bulletin de la «Société de Pharmacie du Sud-Ouest» Toulouse.—Bulletin de la Société Noyale de Pharmacie de Bruxelles.—Bulletin général de therapeutique, de Paris.—Bulletin commercial, annexe de l'Union Pharmaceutique, de Paris.—Moniteur de la pharmacie belge, de Bruxelles.—L'Union Pharmaceutique, jornal de la Pharmacie Centrale de France.—Gazette de gynécologie, de Paris.—Petites affiches pharmaceutiques et médicales, de Paris.—Lá Actualité médicale, de Paris.—Annales d'orthopédie, de Paris.—Revue medico pharmaceutique, de Constantinople.—The Journal of comparative medicine and surgery, de New-

York.—O Monitor Therapeutico de Paris, edição portugueza.—Revista de medicina e pharmacia, de Paris, edição portugueza.—Garda Medica, da Bahia.—União Medica, do Rio de Janeiro.—Boletim de Pharmacia, do Porto.—Revista de medicina dosimetrica, do Porto.—Coimbra Medica, de Coimbra.—Correio Medico, de Lisboa.—Boletim de therapeutica e pharmacia, de Lisboa.—A dosimetria, revista de medicina dosimetrica, do Porto.

PELO INSTITUTO MEDICO-VALENCIANO.—Discurso leido en la apertura de curso del Instituto el día 20 de Octubre 1888, por el Dr. D. Faustino Barberá Martí.—Discurso leido en la sesion especial dedicada á commemorar el aniversario quincuagésimo de la instalación del Instituto, por el Dr. D. Julio Magranéz.

PELAS REDACÇÕES.—Annaes do Club Militar Naval.—Correio Medico de Lisboa.—Gazeta de Pharmacia de Lisboa.—Gazeta de Pharmacia e sciencias accessorias, de Lisboa.—A Medicina Contemporanea, de Lisboa.—Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas, de Lisboa.—Boletim de Pharmacia, do Porto.—Boletim noticioso commercial da «Casa Pharmaceutica» do Porto.—Revista de Medicina dosimetrica, do Porto.—Boletim da Sociedade Broteriana, de Coimbra.—O «Instituto», de Coimbra.—Coimbra Medica, de Coimbra.—Jornal de Horticultura Prática, do Porto.—A Pharmacia Portugueza, do Porto.—A Saude Pública, do Porto.—Boletim de medicina, homoeopathica, de Lisboa.—Revista de medicina e pharmacia, de Paris, edição portugueza.—União Medica, do Rio de Janeiro.—Gazeta Medica, da Bahia.—O Munda Legal e judicio, de Lisboa.—Revista de sciencias naturaes e sociaes, do Porto.—Boletim do Centro Pharmaceutico Portuguez, do Porto.—A Revista dos Campos, de Lisboa.—O Monitor therapeutico, de Paris (edição portugueza).—El Restaurador Farmacéutico, de Barcelona.—Boletín de Medicina y Farmácia, de Barcelona.—El sentido católico en las ciencias medicas, de Barcelona.—La Salud Pública, de Barcelona.—La Independencia Médica, de Barcelona.—Boletín del Instituto Médico valenciano.—El Siglo Medico, de Madrid.—La Farmácia Moderna, de Madrid.—El Observador Médico, do México.—Gaceta Medica, do Mexico.—La armácia, do Mexico.—La Medicina Científica, do Mexico.—Les nouveaux rénédes, de Paris.—Les nouvelles médicales, de Paris.—Le Moniteur du Patricien, de Paris.—Journal de hygiene, Climato-

logie, de Paris.—Journal de Pharmacie, do Anvers.—Revue Medico pharmaceutique, de Constantinopla.—Journal der Pharmacie von Elsass Lothringen, de Strasburg.

PELA «SMITHSONIAN INSTITUTION», DE WASHINGTON.—Annual report of the board of regents of the «Smithsonian Institution», 1888, 1889.—Report of the United States, National Museum, 1888.—Annual report of the board of regents of the «Smithsonian Institution.—Report of the National Museum, 1889.

ALTERAÇÕES OCCORRIDAS NO QUADRO
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA
DURANTE O 57.º ANNO DA SUA INSTITUIÇÃO

Foram admittidos

PARA A CLASSE DE BENEMERITOS. — Agostinho Sizenando Marques, de Lisboa.

PARA A CLASSE DE HONORARIOS NACIONAES. — Antonio Joaquim Ferréira da Silva, do Porto.

PARA A CLASSE DE EFFECTIVOS. — Achileu Augusto da Piedade, de Lisboa; Antonio Ferreira, idem; Antonio Piloto, idem; Henrique Eduardo Nunes dos Santos, idem; João de Mattos Cazaca, idem; José Pereira da Machada Junior, idem; Manoel Vicente Falcões, idem; Pedro Baruetó Nogueira, idem.

PARA A CLASSE DE CORRESPONDENTES NACIONAES. — Antonio Duarte Maneiras, Aldea-gallega do Ribatejo; Augusto Ignacio Sizenando, Caparica; Filippe Gomes Vieira, S. Vicente de Cabo Verde; Francisco Vidigal da Costa e Simas, Souzel; José Augusto Piteira Falcão, Montemór o-Novo; José Joaquim Moreira, Ferreira do Alemtejo; José Maria Pereira, Villa Nova d'Ourem; Manoel Pinto, Cabo Verde; Manoel dos Santos Costa, Costa de Vallade (Aveiro); Sebastião José Dantas, Dondo; Silverio Botelho Moniz de Sequeira Junior, Sobral do Mont'Agraço.

Falleceram

HONORARIOS NACIONAES. — Conselheiro Antonio Maria Barbosa, de Lisboa; Conselheiro José Maria Latino Coelho, idem; João de Jesus Pires, idem.

EFFECTIVO. — José Antonio d'Oliveira, de Lisboa.

CORRESPONDENTES NACIONAES. — Daniel Filippe dos Santos, de Campo Maior; João Carlos Freire, de Silves; Dr. José Victor Carril Barbosa, Caldas da Rainha.

Resumo

FICAM EXISTINDO:

Benemeritos	20
Honorarios nacionaes	33
Honorarios estrangeiros	31
Effectivos	129
Correspondentes nacionaes	224
Correspondentes estrangeiros	30
Total	467

Discurso proferido na sessão solemne anniversaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 30 de julho de 1892, pelo seu presidente o sr. dr. Joaquim José Alves.

SENHORES. — Reccebendo, pela quarta vez, a honra de presidir aos trabalhos da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, acceitei esta distincção confiado inteiramente nas provas de estima, que todos os seus membros me teem dispensado em diversas occasiões, e que tanto me lisonjeam. A vossa benevolencia, pois, desculpará a falta de meritos proprios, que confesso lealmente não possuir, como desejava, para bem me desempenhar.

Obdecendo ao preceito da nossa lei estatuinte, procurarei, n'este faustoso dia, commemorar singelamente os feitos d'aquelles, que se teem esforçado por libertar e engrandecer a pharmacia.

Sei bem que não vos são desconhecidas as doutrinas attinentes ao progresso pharmaceutico, e que difficilmente vos direi mais, que não vos tenha sido sobeja e proficientemente proferido pelos meus illustres predecessores n'este logar.

Lembro me, porem, Senhores, que, se a repetição da historia dos homens illustres e dos factos por elles consummados pode tornar-se fastidiosa, não deixará de ser ao mesmo tempo um incentivo para que os novos porfiem em imital-os, especialmente os fundadores d'esta Sociedade, continuando a lucta por elles iniciada.

Começarei recordando superficialmente, o que foi a pharmacia nos tempos passados e o seu adiantamento até ao presente.

A origem da arte de curar perde-se na obscuridade dos tempos remotos, attribuindo-se ao natural instincto, ao acaso, e por ventura á observação e imitação dos animaes, as primeiras instruccões do homem na pesquisa dos meios de tratar os soffrimentos de que eram accommettidos.

Suppondo-se, com bom fundamento, que as exigencias da vida social são causa de muitas enfermidades internas, conclue-se que os povos primitivos conheciam muito melhor as externas, a que estavam mais expostos; quando, porem, se viam atacados de molestia interna, para elles inexplicavel, considerando-se victimas da colera dos deuses, recorriam aos templos, para que os sacerdotes, servindo de intermediarios, obtivessem que as divindades lhes aconselhassem o curativo.

D'esta fórma cahiu a medicina nas mãos das seitas religiosas, que se tornaram senhoras dos maiores conhecimentos d'aquellas epochas, e a exerciam, cercanda-a do maior mysterio.

Entre os Egyptcios, a nomenclatura era symbolica, conservando-se os povos no obscurantismo com as

praticas da magia e do mysticismo. Os sacerdotes dividiam-se em duas classes, os prophetas que se dedicavam á cura, e os pastophoros que presidiam á preparação dos medicamentos. A experiencia por elles adquirida deu grande luz para os estudos subsequentes.

Segundo Diodoro, as artes chemicas estavam muito desenvolvidas entre os Egypcios, que faziam perfumes, e causticos com cinzas calcinadas, emplastos de oxydos metallicos, preparando muitos outros medicamentos.

Moysés, educado pelos sacerdotes, pretendem que, por meio da chimica, operou muitas maravilhas, posto que esta, como sciencia, ainda não existisse. Diz-se mesmo que os signos chemicos, empregados mais tarde, tiveram sua origem nos hieroglyphos egypcios.

Salomão exerceu a medicina, que, até alli era, por direito hereditario, propriedade dos levitas, e fez uma lei para honrar os medicos.

Na India figuram, na primeira casta, os Brahmanes, que, assim como os outros sacerdotes, possuíam os maiores conhecimentos adquiridos, e professavam a medicina exclusivamente, curando mais pelo regimen estabelecido nos asylos creados junto dos templos, que pela acção dos medicamentos, que eram simples, accomphados da magia e do empirismo.

A Grecia recebeu d'estes povos o inicio das sciencias, que mais tarde a engrandeceram. Herophilo, o celebre anatomista, 334 annos antes de Christo, compoz uma pharmacopea, onde reuniu, methodicamente, as formulas dispersas e as fornecidas pelos oraculos nos templos.

Nos gymnasios, estabelecimentos principalmente destinados á instrucção e ao desenvolvimento phisico dos gregos, exercia-se tambem a medicina popular, praticava-se a sangria, pensavam-se ulceras e preparavam-se medicamentos. Havia igualmente paradeiros publicos, onde os charlatães forneciam drogas e curavam todos os ferimentos.

Como se sabe, os povos da antiguidade tinham por habito inscrever nos logares publicos todos os successos, mesmo os da sua vida particular. Esta pratica dava logar a que os enfermos gravassem, nas paredes, nas columnas dos templos e em taboas votivas, os nomes e symptomas das doencas, bem como dos remedios que as haviam curado.

As seitas dos philosophos deram o primeiro golpe nas crenças populares com respeito ao culto das divindades medicas, o que influiu poderosamente para o desenvolvimento da arte de curar.

O immortal Hippocrates, considerado o pai da medicina, desagregou a das outras sciencias philosophicas, provando que ella era bastante importante para constituir, de per si, um ramo scientifico. embora todas devessem, umas pela observação, outras pelo raciocinio, prestar-se mutuo auxilio.

O grande philosopho, reunindo as observações dispersas nas differentes inscrições, fundou a escola de Cos, aonde ellas, progredindo pelo augmento das suas proprias experiencias sobre a natureza, tomaram a forma de doutrina scientifica.

Posto que a sciencia de Hippocrates dominasse todo o seculo em que elle viveu, 460 a 380 antes de Christo enriqueceram-na igualmente Aristoteles, o fundador da escola peripatetica, o qual, por algum tempo, praticou a medicina e a pharmacia, sendo o espirito mais elevado e laborioso da antiguidade, segundo a opinião dos sabios, que o classificaram de *encyclopedia viva, e principe dos philosophos*. Entre outros, sobresahiram ainda Nicandro e Andromacho, celebres pelas suas theriagas, contendo a d'este ultimo cerca de 150 substancias na sua composição, e Theophrasto considerado o pai da botanica medica.

Com a poderosa influencia de Hippocrates coincidiu o maior gráo de esplendor, que attingiram na Grecia

todas as artes. A' medida que a medicina sahia da obscuridade, illustravam e creavam a philosophia, a moral, a historia, a esculptura, a arte dramatica e a poesia lyrica os nomes gloriosos, que illuminaram brilhantemente o seculo de Pericles.

No anno 131 da presente era, apparece Claudio Galeno, tido como o pai da pharmacia. Medico algum da sua epocha poude igualal-o, excedendo mesmo na escola de Alexandria, onde permaneceu, Herophilo e Erasistrato que o antecederam. Aos 34 annos, estabelecido em Roma, abandonou a cirurgia, dedicando-se exclusivamente á medicina e á pharmacia, como affirma Costeo, quando diz:— *qui et pharmacopœi interdum officio fungebatur, et antidotos componebat.* — Revivendo as doutrinas de Hippocrates deu-lhe extraordinario desenvolvimento, posto o increpassem de se occupar em subtilezas e regras superfluas, que confundiram o naturalismo de Hippocrates, derivado da observação directa dos soffrimentos do homem. As suas obras difundiram por toda a parte as nocões de medicina, até alli adquiridas.

Na idade media, as guerras sanguinolentas e a lucta do christianismo com os neoplatonicos desviaram os espiritos para as pugnas especulativas, e as sciencias naturaes estacionaram, reahindo a medicina e a pharmacia na ignorancia atravez do mysticismo e da magia. Pretende-se, porem, que a pharmacia constituia já uma profissão com privilegios especiaes, embora subordinada aos medicos.

Oribasio, medico do Imperador Juliano, cita individuos que preparavam medicamentos segundo as ordens ou mandados dos medicos, dizendo que havia muitos, especialmente no imperio do Oriente.

A invasão dos Arabes, na peninsula Hispanica, trouxe comsigo grande copia de notaveis conhecimentos medicos, que deram lustre á Academia de Bagdad.

A escola de medicina de Salerno, fundada no anno mil pelos Arabes, serviu de modelo a todas as da idade media, e as suas doutrinas, baseadas nas regras de Galeno, foram universalmente adoptadas. Os seus regulamentos determinavam os annos dos cursos, e obrigavam os medicos e pharmaceuticos a certos preceitos, marcando-lhes as penalidades correspondentes ás infracções.

A chimica, n'este periodo, perde-se em desvarios; pretende fabricar o ouro e descobrir o remedio universal. Perseguida e anathematisada, percorre um longo espaço, deixando, apenas, de tam improficuos trabalhos, a utilidade de algumas descobertas, resultantes das muitas experiencias a que os alchimistas se entregavam.

Os Arabes, porem, deram maior incremento ao estudo da chimica applicada á medicina, conhecendo já as primeiras distillações, os apparatus distillatorios e grande numero de operações, sendo os primeiros a usar do assucar como medicamento, estudos estes em que sobresahiram Rhasis, Albucassis, Geber e Mesué, denominado *o evangelista dos pharmaceuticos*, e no seculo XIV Arnaldo de Villanova, Raymundo Lulle e varios outros.

Em fins d'este seculo e no seguinte, as sciencias receberam valioso impulso resultante das conquistas obtidas, taes como as applicações do alcool, a invenção da imprensa e do papel de trapo, o emprego da bussola á navegação e muitas outras. A descoberta do Cabo da Boa Esperança, e a do caminho marítimo da India, bem como o da America, devidas a Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e Christovam Colombo, e o contingente fornecido por effeito da guerra dos Cruzados, facilitando as communicações, concorreram para augmentar a materia pharmaceutica com grande numero de productos novos, que, supplantando as drogas conhecidas, forneceram grandes mananciaes de estudo.

N'este periodo Basilio Valentin, no meio das suas muitas investigações sobre o oleo de vitriolo e outros productos, é o primeiro que aconselhou o antimonio como medicamento, sendo considerado o iniciador da medicina metallica.

Nos seculos XVI a XVIII a pharmacia funda-se na chimica, que a auctoridade de Paracelso affirmava ser indispensavel tanto para os estudos medicos como pharmaceuticos. Cheio de entusiasmo pela nova sciencia, Paracelso, despresando na sua escola os antigos meios, enriquece a materia medica com muitos agentes therapeuticos ignorados, e obtem maravilhas do uso do opio e do mercurio, promovendo d'este modo a grande revolução scientifica operada n'esta epocha.

Valerius Cordus, em 1542, fez a primeira pharmacopêa chimica, sendo a de Schroeder, entre as publicadas mais tarde, a que apresenta com mais claresa importantes preceitos chimicos, descrevendo com perfeição todos os processos.

À luta travada em Franca entre os especieiros e pharmaceuticos, juntou-se a que se estabeleceu entre os partidarios da medicina antiga e a chimica, chegando Jean Riolan a avançar — *que todos os chimicos eram envenenadores*.

Com o apparecimento dos jornaes scientificos, propagaram-se rapidamente todos os conhecimentos obtidos nas artes e sciencias d'esta brilhante epocha por uma pleiada de homens illustres pelos seus valiosos trabalhos e notaveis descobertas, evidenciando-se, entre muitos, nos diversos paizes da Europa, o nosso distincto compatriota Garcia de Orta, physico d'El-Rei D. João III, conhecido principalmente pelos seus colloquios sobre varios productos da India, trabalho resultante de cerca de trinta annos de aturado estudo; Morison, Ray e Magnol na taxonomia botanica, Linneu, celebre pelas suas differentes obras, e sobretudo a do

— *Systema naturae* —, Harvey na importante descoberta da circulação do sangue, Van-Helmont, Boyle, Homberg, Geoffroy, Sthal, Lavoisier, Fourcroy e os eminentes pharmaceuticos Wenzel, Scheele, Baumé, Parmantier, Cadet, cujo alto merecimento se revela nos seus importantes escriptos, e bem assim Berzelius e Wenzel, que estabeleceram as leis das proporções multiplas e os equivalentes chimicos.

D'entre estes vultos senhores, permitti que eu estre-me o immortal Lavoisier, fazendo reviver no vosso espirito a idéa dos especiaes serviços prestados ás artes e ás sciencias por este celebre chimico.

Bem novo, amando profundamente o estudo, fugia do convivio dos homens, para se entregar ás suas lucubrações. Foi premiado no concurso para o melhor systema da illuminação de Paris, em resultado da memoria que apresentou á Academia das Sciencias sobre o assumpto.

Para melhor poder avaliar o gráo de intensidade da luz artificial, que se propunha estudar, encerrou-se com admiravel perseverança, por seis semanas, n'un quarto pintado de preto, para que a luz do sol lhe não offuscasse a exactidão das suas observações. Foi elle, que, juntamente com Guyton de Morveau, Berthoeth e Fourcroy tirou a chimica da confusão existente, tornando-a mais clara e facil, pela nomenclatura methodica que organisaram.

Evidenciando a sciencia das metamorphoses, creou futuras bases para o estudo proficuo das funcções da vida vegetativa.

A elle, especialmente, se deve a importantissima descoberta da constituição do ar atmospherico, e o poder explicar-se os phenomenos chimicos da respiração.

As suas theorias, ligeiramente modificadas, são ainda hoje seguidas por homens taes como Béclard, Jolyet e Viol, nas suas importantes obras de physiologia humana.

Fundando se na viciação do ar, devida ao phenomeno da respiração, quer dizer, á inspiração do oxygenio e á expiração do acido carbonico, mechanismo que comparou á combustão, explicou a theoria do calor animal, que apresentou sobre dados scientificos, abrindo á medicina o meio seguro para fecundas observações, que demonstram o grande valor da chimica entre todas as sciencias.

Os phenomenos da digestão e da nutrição foram por elle perfeitamente esclarecidos; e não menos attenção lhe mereceu a agricultura, que melhorou consideravelmente com as suas experiencias.

Este eximio investigador, que, sem ser medico nem pharmaceutico, proporcionou a medicina e á pharmacia grande parte dos elementos que concorreram para a elevação scientifica de que gosam presentemente, contribuindo ao mesmo tempo com as suas importantes descobertas para engrandecer as artes, as industrias e illustrar o espirito humano, melhorando as condições essenciaes dos povos, morreu decapitado em 8 de maio de 1794 aos cincoenta e um annos de idade, victima da politica, ou da intriga e da inveja!

Resignado com a sentença que o condemnava á morte em 6 de maio, pediu apenas a demora de alguns dias na sua execução, para deixar concluidas umas experiencias uteis de que se occupava, concessão que lhe foi negada, conforme se refere, com o seguinte despacho: *a republica não tem necessidade de sabios, nem de chimicos, o curso da justiça não pode ser interrompido* —; e o implacavel cutello decepou esta cabeça privilegiada em seguida á do sogro, que com elle fez parte dos vinte e oito rendeiros geraes guilhotinados no mesmo dia.

O supplicio d'este sabio será em todos os tempos considerado uma ignominia para o governo d'aquella epocha do Terror.

No presente seculo tem a profissão pharmaceutica adquirido, em varios paizes, uma instrucção desenvolvida e bem merecida importancia. O imperio da chimica transformou o pharmaceutico, de manipulador inconsciente das substancias medicinaes, em homem scientifico, prompto a explicar os phenomenos, que se passam nas preparações ainda as mais simples.

Innumeraveis naturalistas, pharmaceuticos e chimicos tem engrandecido a sciencia com seus valiosos trabalhos e pesquisas.

Mencionarei em primeiro lugar o celebre botanico portuguez, Felix de Avellar Brotero, que, perseguido pelo santo officio, se refugiou em Paris onde estudou e conviveu com os illustres mestres da sciencia, Brisson, Laurent de Jussieu, Cuvier, Daubenton, Conderet e Lamarck. Regressando ao reino, occupou a cadeira de botanica e agricultura na Universidade de Coimbra, sendo nomeado director do museu e jardim-botanico, e mais tarde eleito deputado ás cortes constituintes. As suas obras—*phytographia lusitanica selectior*—*Compendio elementar de botanica e flora lusitânica*,—demonstram os seus elevados conhecimentos, honrando a sua memoria e o paiz em que nasceu.

Continuando, apresentarei, d'entre os mais salientes nesta epocha, os nomes de Thénard, Davy, Gay-Lussac, Robiquet, Braconnot, Orfila, Guibourt, Soubeiran, Pelouse, Gerhardt, Liebig, Wurtz, e os de Roberto Duarte Silva, nosso compatriota, Dervault, Personne, Pasteur, Depaire e Frezenius, que tive occasião de conhecer pessoalmente, visitando-os nos seus laboratorios em Paris, Bruxellas e Wiésbaden.

São do maior alcance os conhecimentos resultantes dos estudos d'estes vultos scientificos sobre chimica geral, toxicologia, historia de drogas, pharmacia, e os de Pasteur sobre fermentos, fermentações, e micro-organismos, que descobriram novos horisontes á medicina.

Em Portugal Senhores, a pharmacia passou, nas epochas anteriores, pelas alternativas experimentadas nas outras nações. Sujeita ao charlatanismo, ao empirismo e á rotina, sem escolas, nem protecção dos poderes publicos, submettida á tutela dos medicos, arastou-se por muito tempo, privada da necessaria independencia e illustração.

Em 1449, por occasião da peste que assolou o paiz, D. Affonso V viu-se obrigado a conceder certas immunidades e privilegios de nobresa aos pharmaceuticos, que quizessem estabelecer boticas no reino, substituindo os muitos fallecidos pela epidemia; o que se verificou com o mestre Ananias, que veio de Ceuta expressamente para esse fim.

D'este reinado datam as primeiras bases da legislação pharmaceutica, que outros monarchas foram ampliando, achando-se consignado na lei de 1461 o preceito, que prohibia aos medicos e cirurgiões exercerem a pharmacia, e aos boticarios o intrometterem-se na medicina.

D. Manuel em 1521, vendo a ignorancia da maioria dos pharmaceuticos, determinou que lhes fosse exigido exame perante o physico-mór, e os physicos e boticarios da côrte, para poderem estabelecer botica, quando approvados, creando uma tarifa para o preço dos medicamentos e ordenando a sua fiscalisação.

Ha ainda a registrar a grande consideração feita a pharmacia portugueza, pelo mesmo monarcha, com a nomeação do pharmaceutico Thomé Pires para nosso embaixador na China.

Tinha elle para alli sido enviado como perito na aquisição de varias drogas e medicamentos, e foi pelos seus meritos e qualidades considerado o mais digno para desempenhar tam elevada missão.

Resoluções de pouca importancia foram tomadas durante o reinado d'El-Rei D. Sebastião, dos Filippes,

e de outros reis: nenhuma, porém, com respeito á instrução pharmaceutica, que era insignificante.

Deve-se á iniciativa do grande Marquez de Pombal o maior incremento concedido á instrução pharmaceutica, que consta dos estatutos, dados em 1772 por El-Rei D. José á Universidade de Coimbra.

Determinaram elles a pratica de dois annos no laboratorio chimico, ouvir as licções do respectivo professor, e só depois de mais dois annos de pratica no dispensatorio pharmaceutico, poderá o aspirante pedir exame, que será feito perante o professor de materia medica e o boticario do dispensatorio, constando especialmente de tres operações chemicas e tres pharmaceuticas, executadas na presença dos referidos examinadores, não podendo exercer a profissão, obter carta e outros privilegios concedidos, sem conseguir a approvação unanime.

De 1711 a 1754 publicaram Manuel Rodrigues Coelho, pharmaceutico de Setubal, a Pharmacopéa Tubalense-chimico-galenica, cuja ultima parte a morte deixou ficar inedita; e em Lisboa o conego D. Caetano de Santo Antonio, administrador da botica do real mosteiro de S. Vicente de Fóra, a sua affamada Pharmacopéa Lusitana, que teve quatro edições, onde, exaltando a profissão pharmaceutica, cita os imperadores, reis e pessoas de qualidade, que nella se exercitavam, deixando muitos os seus nomes vinculados a varios medicamentos. Neste sentido relata-nos que: — «*O Duque do Cadaval Presidente das letras e das armas tinha Botica de varios e exquisitos medicamentos no seu Palácio, que caritativamente dispensava; que o Marquez das Minas tam illustre nos exercitos como nos Palácios, fazia uns pós admiraveis para quedas, distribuindo-os liberalmente; que o conde de Castello-melhor, tam politico na nossa córte, como nas estranhas, fez um lambedor approvadissimo para os fluxos de ventre.*

Podiamos accrescentar a estes alguns nomes illustres, que na actualidade proporcionam ainda medicamentos para o tratamento de escrophulas e outras enfermidades.

No Porto, Fr. João de Jesus Maria, monge da Congregação de S. Bento e administrador de botica do mosteiro de Santo Thyrso, deu publicidade aos dois tomos da sua Pharmacopêa Dogmatica Medico-Cirurgica, em que descreve as operações da pharmacia galenochimica e menciona os animaes, vegetaes e mineraes conhecidos no reino.

São curiosas as suas advertencias referentes á seriedade e bons costumes que devem ser exigidos aos praticantes, e ao indispensavel acceio com elles proprios e com o laboratorio; aconselhando ao mesmo tempo respeito pelo creador, caridade, piedade e compaixão, principalmente para com os pobres e afflictos, affabilidade e promptidão nas necessidades e perigos dos enfermos.

Em 1782 a Rainha D. Maria 1.^a creou a junta do pro-medicato, composta de sete vogaes todos medicos e cirurgjões, amoviveis de tres em tres annos, com as prerogativas que tinha anteriormente a physicultura mór do reino. Esta corporação, entre outras medidas, prohibiu a venda dos remedios secretos, declarando que a *agua de Inglaterra*, muito em voga naquelle tempo, não era outra cousa mais que *um vinho de quina composto*.

Mais tarde, em 1794, a mesma soberana decretou, que a pharmacopêa geral do reino do Dr. Tavares servisse, não só para a receita e preparação dos medicamentos, mas tambem para o ensino e regulamento dos exames de pharmacia.

Esta pharmacopêa foi substituida em 1835 pelo codigo pharmaceutico lusitano do Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto, revisto e correcto em 1861 pelo Dr.

José Pereira Reis, decretando-se em 1876 a actual pharmacopêa portugueza, que havia sido mandada organizar em 1871 por uma commissão de illustres medicos, chimicos e pharmaceuticos.

Os preparatorios e o latim, que até ali eram necessarios, fôram supprimidos, soffrendo os exames alterações que não concorriam para augmentar a sciencia na classe. Presidia ao exame o delegado da junta na comarca, sendo dois boticarios que interrogavam o examinando, cada um tres quartos de hora. Sahindo reprovado, só quatro mezes depois podia fazer novo exame, e obtendo equal resultado, sómente um anno depois.

O decreto do principe regente em 1800, e a deliberação da junta do proto-medicato, exigindo de novo o latim, levavam a presagiar um melhor futuro para a regeneração da pharmacia portugueza.

A physicultura-mór substituiu deffinitivamente em 1809 a junta do proto-medicato, e o principe regente decretou em 1810 varias medidas retrogradadas, que opprimiram e flagellaram a classe.

Muitos pharmaceuticos de Lisboa, habilitados como deixamos exposto, movidos pelo ardente desejo de se illustrarem, e levantarem pela sciencia a classe abatida, tomaram a nobre resolução de cursar livremente, na casa da moeda, as aulas de physica e chimica, servindo lhes de compendio o curso elementar destas sciencias, que publicara o respectivo professor, o distincto escriptor e homem d'estado Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, morto em 1846 no lamentavel combate de Torres Vedras.

Um grupo de trinta e nove pharmaceuticos benemeritos, dos quaes temos ainda o prazer e a gloria de possuir um, o nosso venerando amigo o sr. Antonio Ignacio de Avellar, por iniciativa do saudoso e infatigavel trabalhador, José Dionisio Corrêa, depois da terrivel

crise porque a patria acabava de passar, impellidos pela exaltação patriotica e com a mira na elevação scientifica da classe, promoveram a installação da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que realisaram no assinalado dia 24 de Julho de 1835.

Os actos subsequentes d'esta corporação, muito mais que a nossa palavra o poderia fazer, provam exuberantemente que ella, a despeito das contrariedades por que o nosso paiz e a classe teem passado, caminha na senda honrosa de promover o augmento e prosperidade da pharmacia, confirmando o seu lemma:—*Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires.*

Organisada a Sociedade, dignaram-se aceitar o titulo de socios protectores a Rainha a Senhora D. Maria II e El-Rei D. Fernando, tendo o mesmo Senhor a complacencia de assistir a algumas das suas sessões, e devendo-se-lhe o offerta da Flora Fluminense, que orna a nossa bibliotheca. A mesma honra continuaram a conceder-lhe El-Rei o sr. D. Luiz e Sua Magestade El-Rei o sr. D. Carlos.

Entre as grandes provas de consideração, que a Sociedade recebeu dos poderes constituídos, deve mencionar-se o ter sido repetidas vezes consultada em questões scientificas de sua competencia, merecendo que lhe fosse concedido um edificio do estado para se estabelecer.

Tive ainda a fortuna de ver montados, em um d'elles, na melhor ordem, os gabinetes de physica, de chimica, pharmacia e historia natural, o archivo, a bibliotheca e o horto botanico.

Esta compensação foi annullada, apesar das energicas diligencias do illustre parlamentar Dr. José Maria d'Abreu em sessão de 23 de Agosto de 1861, sendo a Sociedade obrigada, por influencias que não poude vencer, a installar-se a expensas suas.

Preoccupando-se esta benemerita corporação com o

futuro das familias dos seus associados, fundou um monte-pio para beneficiar as suas viúvas e filhos, o que ainda chegou a realisar, sendo para sentir que a escassez de recursos pecuniarios destruisse tam util instituição.

Foi igualmente um dos seus primeiros cuidados a criação da companhia commercial pharmaceutica de Lisboa, que teve de succumbir á guerra dos interesses mesquinhos, que se consideraram lesados, quando da sua conservação deveriam resultar innumeradas vantagens para a classe e para o publico.

Nesse grande estabelecimento, montado nas condições exigidas pela sciencia, de material e pessoal, a requintada pratica das falsificações seria desmascarada, não se permitindo que qualquer droga entrasse na circulação commercial, incluindo as de proveniencia estranha, sem estar nas devidas condições de pureza.

Esta segurança seria para todos uma garantia de subido valor, que evitaria muitos accidentes funestos.

Por exemplo:

O chloroformio, tam frequentemente usado na medicina operatoria, quando empregado puro e bem inhalado, não offerece perigo algum, como assevera Sedillot na seguinte proposição: «*Le chloroforme pur é bien employé ne tue jamais.*» Logo, porém, que se ache inquinado dos productos da sua alteração espontanea, ou dos muitos derivados da sua incompleta purificação, constitue um toxico, que compromette a operação; e lá vai a responsabilidade para o pharmaceutico que o não preparou, havendo-o adquirido como puro na casa de confiança que lh'o forneceu, e o recebera da fabrica estrangeira com a mesma classificação. Não faltaria neste, ou em outro caso semelhante, quem, não tendo outros meritos para se evidenciar, especulasse com o facto. Sobram exemplos, perante a desorganisação social que se observa, da guerra movida pelos mais vis sentimen-

tos, sob qualquer pretexto, a homens trabalhadores, justos e probos.

A sciencia das falsificações, posto seja tam antiga, que já em principios da nossa era Plinio e Dioscorides conheciam, que ao opio se juntava os succos da alface, do glaucium, e da celidonia, chegou actualmente ao seu maior auge. Feita a descoberta de um preparado, apparece logo o processo de imital-o fraudulentamente; e com quanto, em muitos, seja facil verificar a materia da sophistication, em outros a difficuldade cresce, por que a chimica organica, apesar do seu gráo de adiantamento, o perito consciencioso deve confessar sem pedantismo, que ella deixa em analyse, ainda muito a desejar.

A falsificação das drogas e substancias alimentares tem occupado a attenção dos poderes publicos em diversos paizes, a ponto de se crearem, para as estudar, cursos especiaes d'este ramo de chimica.

Desde 1513 a 1794, Collin, Lodetto de Brescia, Champier, Mayer, Richier de Harnes, Schill, Biederman, Coradi e Ebermayer publicaram trabalhos methodicos sobre falsificações. Posteriormente apparecem compendiados processos os mais positivos e delicados nas diferentes obras dos distinctos pharmaceuticos e chimicos Baumé, Bolley, Bouillon-Lagrange, Boutron-Charlard, Bussy, Caventou, Chevalier e Baudrimont, Gautier, Guibourt, Payen, Gille, e varios outros, que são um poderoso auxilio nesta campanha contra a torpe especulação.

A Sociedade Pharmaceutica tem-se occupado disveladamente em combater o charlatanismo interno e importado, que campêa infrene, especulando com os soffrimentos humanos. N'este empenho foi energicamente auxiliada pelo conselho de saude publica do reino, que propoz ao governo, em 1863, a prohibição do despacho nas alfandegas de todos os medicamentos

estrangeiros, que não estivessem auctorisados no regimento dos preços.

Devido ás instancias da Sociedade e á insistencia do conselho de saude, o sr. Marquez de Sabugosa, ministro do reino em 1865, ordenou a apprehensão em todo o reino, a fim de serem entregues ao poder judicial os seus possuidores, dos preparados do pharmaceutico Grimalt, de Paris, que, accusado de os adulterar, teve a ingenuidade de confessar no acto do julgamento, como attenuante — *que falsificava unicamente os que enviava para o estrangeiro.*

A repartição de saude, de que faziam parte homens que prestaram relevantes serviços, foi extincta em 1868, sob o pretexto de economia para o estado, á força da guerra que lhe moviam, cremos na melhor boa fé, os partidarios da liberdade na venda dos medicamentos sem mais formalidades.

Esta liberdade é hoje tão ampla, e a lei por tal forma cumprida, que todos os dias, alem dos pomposos annuncios nos jornaes, vemos a exposição em varios estabelecimentos e até nas mercearias da capital, de photographias de individuos de ambos os sexos, completamente estranhos á sciencia, proclamando uma variedade infinita de medicinas e seus maravilhosos effeitos, havendo até *rebuçados para todas as tosses!*

Devemos comprazer-nos com a recente medida legislativa, prohibindo a entrada no paiz de preparados estrangeiros de composição secreta, alcançada com a auctorisada coadjuvação da Sociedade das Sciencias Medicas, que representou em apoio das justas ambições da classe pharmaceutica.

Esta acertada lei, desde muito reclamada no interesse geral, para que possa aproveitar, torna-se necessaria toda a vigilancia na forma da sua regulamentação e execução, a fim de que não seja sophismada, cousa muito frequente na nossa terra.

A missão dos governos, no proveito da saúde dos povos, e no de evitar que se explore a bolsa do consumidor com os reclames e a apparencia luxuosa de medicamentos inertes, quando não prejudiciaes, é de exterminar o charlatanismo, que o jurisconsulto Boitard classifica perfeitamente, dizendo: — *Les charlatans sont tous simplement des filous, qui profitent de la crédulité des honnêtes gens.*

O meio facil, prompto e seguro de destruir estes parasitas é o medico fugir de lhes aconselhar os productos, pois que, possuindo todos os elementos para bem formular, mal se concebe como, sem o conhecimento exacto do medicamento, haja quem possa prescrevel-o com segurança.

O insigne professor Chomel, nos seus elementos de pathologia geral, diz com justificada razão:

.....

«Le médecin qui fait une expérimentation doit, avant toute chose connaître le remède dont il veut apprécier les effets.

.....

Le médecin doit connaître le remède qu'il expérimente: c'est dire, qu'il ne devra jamais consentir à faire des essais avec des remèdes dont il ignorait la composition.

Effectivamente, a vasta instrucção que o medico hoje possui, permite-lhe prevenir os phenomenos que podem dar-se na junção dos diversos componentes, receitar com franqueza, adquirindo assim um precioso peculio de formulas por elle conhecidas pela sua utilidade comprovada.

Ainda mais, existindo pharmaceuticos portuguezes, que honradamente trabalham para apresentar preparados de composição conhecida, que rivalisam, senão excedem em proficuidade os da industria estrangeira, é de esperar que a clinica nacional lhe preste todo o seu auxilio, preferindo-os.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, comprehendendo, immediatamente á sua installação, a conveniencia de realisar a deliberação tomada em 1834 n'uma grande reunião de pharmaceuticos, representou ao governo pedindo, com a ampliação dos estudos, uma escola especial de pharmacia. Obteve, porem, tam sómente que o estadista Passos Manuel, suspendendo por portaria de 18 de novembro de 1836 os exames a que presidia o physico-mor do reino e reformando em 29 de dezembro do mesmo anno as tres escolas medicas do paiz, creasse as escolas de pharmacia annexas ás de medicina de Lisboa e Porto, determinando para a Universidade de Coimbra, alem do prescripto nos estatutos, que os alumnos frequentassem, ao menos como ouvintes, as aulas de zoologia, botanica, physica e mineralogia; exigindo-se para o curso regular das escolas de Lisboa e Porto, os exames de latim, latinidade, francez ou inglez, arithmetica e geometria nos lyceus a botanica, o curso de chimica desenvolvido, 1.^a e 2.^a parte, na escola ou academia polytechnica, preparatorios estes para a matricula nas escolas de pharmacia annexas, cujo curso de dois annos comprehendia a pharmacia, a materia medica e a correspondente pratica no laboratorio.

A outra ordem de aspirantes era concedido habilitarem-se, provando terem oito annos de pratica pharmaceutica, e vinte e cinco de idade, passando por um exame, em que eram interrogados sobre chimica e botanica, alem das preparações constantes do ponto.

O decreto de 23 de abril de 1840 de Rodrigo da

Fonseca Magalhães, organisando o regulamento para as escolas-medico-cirurgicas, creou junto á aula de materia medica, um laboratorio confiado á direcção do respectivo pharmaceutico.

E' a materia medica d'estes cursos, leccionada conjunctamente aos alumnos medicos e pharmaceuticos, pelos lentes da respectiva cadeira, devendo-se aos illustres professores os doutores Bernardino Antonio Gomes, Gaetano Maria Ferreira da Silva Beirão, Eduardo Augusto Motta e Julio Sande de Saccadura Botte as obras successivamente publicadas — *Pharmacologia geral — Materia medica e therapeutica — Pharmacologia e therapeutica geral — e Elementos de pharmacotechnia*, que com tanto proveito tem auxiliado o estudo da medicina e da pharmacia.

Augmentou, porem, a consideração no ensino da pharmacia com o decreto de 20 de setembro de 1844, que, precedendo concurso por provas publicas, concedeu as honras de professores aos pharmaceuticos dos dispensatorios das escolas de Lisboa e Porto, preceituando-lhes darem, com o curso pratico das operações pharmaceuticas, as prelecções theoreticas de pharmacia e toxicologia, recahindo estas nomeações em dois membros distinctos da classe, os srs. José Tedeschi, presentemente jubilado, e Felix da Fonseca Moura já fallecido.

Posto que esta medida não alterasse o systema estabelecido na Universidade de Coimbra, cabe aqui mencionar o não menos illustre e digno examinador e pharmaceutico do dispensatorio o nosso extincto collega o sr. Candido Joaquim Xavier Cordeiro, que, publicando os seus importantes elementos de pharmacia, tão assinalado serviço prestou ao ensino da profissão.

Este começo de independencia para o ensino pharmaceutico, deve-se em grande parte á actividade e intelligencia d'alguns membros da classe, que, com a sua

influencia politica, conseguiram do ministro Antonio Bernardo da Costa Cabral, depois conde e marquez de Thomar, um tão notavel adiantamento para a pharmacia.

Pena foi que o valor politico d'estes nossos collegas, entre os quaes se contava Antonio de Carvalho, espirito recto e illustrado, que por varias vezes presidio ao municipio de Lisboa, se não impozesse de modo a obter-se a reforma do ensino, tão radical como a Sociedade a havia proposto.

Em 12 de agosto de 1854, nova lei determina para o exame de pharmacia, aos aspirantes que não seguem o curso das escolas, alem de oito annos de pratica, contada mais tarde desde os doze de idade, os exames de instrucção primaria, traducção da lingua franceza ou ingleza, de arithmetica e geometria, de principios de chimica, e introduccão á historia natural dos tres reinos. Esta lei passou ainda por diversas alteraçoes, exigindo-se ao presente, para os aspirantes da mesma cathogoria, instrucção primaria (exame d'admissã) francez ou inglez, mathematica elemental (1.^a parte), physica, chimica e historia natural (1.^a parte), passando de 25 para 21 annos a idade prescripta para o exame de pharmacia.

O curso regular das escolas soffreu igualmente novas modificações nos preparatorios, que actualmente são: — portuguez (curso completo), francez, inglez; latim (1.^a parte), philosophia, mathematica elemental (1.^a e 2.^a parte), physica, chimica e introduccão á historia natural (1.^a e 2.^a parte), litteratura portugueza nos lyceus; e na escola polytechnica, alem da chimica e botanica estabelecidas, a cadeira de chimica organica.

O mesmo curso na Universidade de Coimbra apresenta variantes, que supprimem ou ampliam differentes materias.

Observa-se pois, nesta instrucção desconnexa, anar-

chica e concedida a retalho, uma diversidade no modo da habilitação, que sendo tão differente na forma, só é igual em regalias.

E' triste confessar que, apesar das reiteradas instancias d'esta sociedade, dos brados da imprensa pharmaceutica e das reclamações de alguns membros do parlamento, um dos quaes não cessou, desde 1875 até 1885 de clamar em favor d'esta causa, nem um passo mais se tem dado no ambicionado caminho, antes pelo contrario temos visto permittirem se concessões abusivas, em que se prescinde para a habilitação pharmaceutica dos preparatorios que a lei marca.

Os esforços empregados por alguns collegas do Porto e Lisboa levaram o governo, em portaria de 21 de Fevereiro de 1890, a nomear uma commissão de pharmaceuticos para organizar um plano de reforma de ensino. Este trabalho, entregue na estação competente, foi posto de parte, e cremos, por um certo numero de razões, que não terá andamento, em quanto durar a difficil situação economica que o paiz atravessa.

Semelhante projecto, grandioso e completo, que todos desejaríamos ver convertido em lei, consideramos inexequivel n'um futuro proximo; parecendo-nos o que apresentámos ás côrtes em 1875, desenvolvendo e unificando o systema de habilitação, ser muito mais viavel, por satisfazer em grande parte os desejos da classe, e acarretar para o thesouro insignificantes encargos.

Ao ver, neste longo periodo, tantas e tam fabulosas sommas irreflectidamente dispendidas em cousas na maior parte inuteis ou improductivas, dir-se-hia que tem havido uma verdadeira negação, um motivo occulto, a impedir que se faça justiça á c'asse pharmaceutica, e não simplesmente o receio de aggravar as despesas publicas.

Porém, Senhores, se nas regiões officiaes se tem re-

cusado a devida attenção á reforma dos estudos pharmaceuticos, é surprehendente e animador ver o grande numero de homens da profissão, que em diversas epochas se tornaram notaveis pelos conhecimentos, que os tem nivelado aos de outras classes scientificas mais favorecidas.

Prova este facto que, para o homem estudioso, não são indispensaveis os cursos obrigatorios.

Os paizes taes, como a Belgica e Suissa, onde existem os cursos livres, corroboram a nossa observação.

A actualidade fornece-nos exemplos sufficientes em individuos pertencentes á classe, que se tem tornado distinctos pelos seus trabalhos e escriptos scientificos, cujos nomes não especifico por me estarem escutando muitos d'elles, e não desejar melindrar-lhes a modestia.

Tendo muito em vista os fins d'esta Sociedade, é da maxima conveniencia que n'este centro se abram discussões placidas e cortèzes sobre varios assumptos referentes á profissão, pois que sobram pontos a resolver na vida pratica da pharmacia, que a sciencia é obrigada a explicar; tanto mais que, caminhando ella a passos largos, cumpre ao pharmaceutico seguil-a no campo das investigações.

Estudem-se á luz da razão, para bem se poderem apreciar, todos os actos d'esta corporação, durante 57 annos de vida associativa, e justiça será feita aquelles que lhe tem consagrado o seu tempo e saber, o seu trabalho e o seu cabedal.

Se da lucta travada pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana pouco se tem conseguido, ella encarando com serenidade os revezes experimentados, conscia da sua importancia, sobra-lhe coragem para sustentar o seu posto, continuando a instar pelo maior desenvolvimento da instrucção pharmaceutica e pelo respeito devido ás prerogativas da classe, aguardando melhores dias que hão de vir.

Peço-vos, senhores, me desculpeis por vos haver fatigado com esta desprezenciosa narração, rogando-vos a fineza de me substituídes n'este lugar, que não pude desempenhar, como desejava, por causas extranhas á minha vontade, pois não falta no seio d'esta corporação, quem melhor possa representar-vos e saiba realisar as vossas justas aspirações.

Disse.

PHARMACIA

Opio

E' sabido que o opio deve conter, pelo menos, 10 0/0 de morphina.

E visto ser um producto caro e sujeito a falsificações, convem sempre que o pharmaceutico proceda á sua analyse.

Para isto, é necessario seccar o previamente a uma temperatnra que não exceda a 30°, em harmonia com a nossa Pharmacopêa, afim de o reduzir a pó.

Dizemos em harmonia com a nossa Pharmacopêa, porque segundo os estudos de Boymond, ácerca da «pharmacopêa germanica» é admissivel seccar o opio até á temperatura de 60°.

Eis como elle indica que se deve fazer a analyse do opio, depois da operação já indicada e que se nos agita um bom processo.

Misturam-se 6 grammas d'opio, com 6 grammas d'agua distillada, e lança-se o todo em um pequeno balão tareado.

Completa-se, com quantidade sufficiente d'agua, o peso total de 54 grammas.

Agita-se frequentemente e, depois de uma hora, fil-

tra-se, não devendo o filtro exceder a 10 centímetros de diâmetro.

A 42 grammas do liquido filtrado, ajunta-se 2 grammas da mistura de: ammoniaco 17 grammas e agua distillada 83 grammas. Mistura-se com cuidado, evitando toda a agitação superflua, e filtra-se immediatamente por um filtro das dimensões já citadas.

Tiram-se 36 grammas do liquido filtrado, que se juntam em um pequeno matrás de vidro tareado com 10 grammas d'éther, fazendo-o girar; depois addicionam-se 4 grammas d'ammonia. Continua-se a agitação do mesmo modo até que o liquido esteja claro; tapa-se o matrás e abandona-se ao repouso.

Depois de 6 horas, decanta-se a camada etherea, tão completamente quanto seja possível, sobre um filtro liso de 8 centímetros de diâmetro.

Ao liquido aquoso restante no matrás, ajunta-se de novo 10 grammas d'ether; agita-se e deita-se o liquido ethereo sobre o filtro. Depois de todo o liquido filtrado, lança-se a solução aquosa sobre o filtro, sem o minimo cuidado pelos crystaes que ficam adherentes ás paredes do balão.

Lava-se o matrás e o filtro duas vezes com 5 grammas d'agua saturada d'ether e, quando estes dois objectos tem sido perfeitamente esgotados, seccam-se ambos a 100 graus.

Lança-se o conteúdo do filtro no balão e prosegue-se a dessecação até ao peso constante.

O peso da morphina obtida não deve ser inferior a quatro decigrammas.

Esta morphina deve, pela agitação durante algumas horas com 100 grammas d'agua de cal, dar uma solução amarellada, que passe ao vermelho escuro fixo pela addição d'agua chlorada e se cõra em azul ou em verde pelo perchloreto de ferro.

F. de Carvalho.

Os alcaloides das solaneas

O dr. Schutte, depois de ter estudado os alcaloides da raiz da belladona, demonstrou que a atropina não se acha no estado livre, mas que se forma á custa da hyoscyamina contida nas raizes durante as operações da extracção e sob a influencia dos reagentes.

Segundo o auctor, é preciso muito pouco para transformar a hyoscyamina em atropina; a distillação, em presença d'um alcali, é mais que sufficiente.

Se a uma mistura de saes d'hyoscyamina e d'atropina ajuntarmos um soluto de chloreto d'ouro, a atropina precipitar-se-ha antes da hyoscyamina.

A idade da planta tem uma influencia notavel sobre esta transformação. As raizes das plantas novas não contem atropina, enquanto que, nas raizes velhas de 7 a 8 annos, se encontra um pouco ao lado da hyoscyamina. E' no estio que as raizes contem mais alcaloides.

As bagas de belladona contem, quando estão incompletamente maduras, vestigios d'atropina; desaparecem quando a maturação está completa. As bagas de *Lutea* só contem atropina e atropamina, mas não hyoscyamina.

As outras solaneas estudadas por Schutte deram os resultados seguintes: Nas plantas novas e velhas do stramonium, encontra-se principalmente hyoscyamina e vestigios d'atropina e de scopolamina. As folhas do *Solanum tuberosum* dão principalmente a betaina e um alcaloide ainda não definido, tendo porem uma acção analogá á do producto fornecido pelo *Solanum nigrum* e *Lycium barbaricum*.

As folhas da *Nicotiana tabacum* contem, além da nicotina, um alcaloide que tem acção poderosa sobre a pupilla. O *Anisodus lucidus* só contem, em todas as suas partes, hyoscyamina.

Chloral camphorado

Para se obter este preparado, sob a fôrma de liquido claro, M. Rucker aconselha não pulverisar a camphora, por intermedio do alcool, mas dividil-a em fragmentos da grossura d'uma ervilha e cobril-a com o chloral. No espaço de doze a vinte e quatro horas, as duas substancias estão fluidificadas, dando um liquido limpido, enquanto que o preparado obtido pela trituração no almofariz ou por intermedio do alcool, apresenta-se sempre turvo.

Essencia de rosas falsificada pela de geranio

Para reconhecer a presença de essencia de rosas, M. Panajotow indica os processos seguintes:

1.º A 2 ou 3 gottas de essencia suspeita, ajuntam-se 2 centímetros cubicos de bisulfito de rosalina obtido pela descoloração da fuchsina pelo acido sulfuroso. Se a essencia de rosas é pura, cora-se lentamente (24 horas pouco mais ou menos) em *vermelho*; se ella contem essencia de geranio, cora-se rapidamente, o mais tardar depois de 2 horas, em *azul*.

2.º O acido sulfurico concentrado dá com a essencia de geranio uma massa escura, que não se dissolve inteiramente no alcool a 95º; a solução alcoolica é vermelha, e os floccos insoluveis são amarellos. Pelo contrario, a essencia de rosas, tratada do mesmo modo, fornece um composto inteiramente solúvel no alcool, e a soluto é incolor.

Æsopus

Depois do apparecimento da lanolina, muitos productos mais ou menos identicos tem sido recommendados; podê-se notar, a titulo de curiosidade, o *æsopus*,

nome sob o qual se designa a gordura bruta da lã de carneiro, da qual se extrae a lanolina. Na opinião dos pharmaceuticos allemães MM. Taenzer e Ihle, o *œsipus* offerece sobre a lanolina pura a vantagem de não irritar a pelle (como o faz algumas vezes a lanolina anhydra) e de ser não somente uma gordura indifferente, propria a ser empregada como base em differentes pomadas, mas ainda uma substancia dotada de propriedades curativas manifestas de certas affecções cutaneas.

O *œsipus* apresenta dois inconvenientes de pouca importancia e faceis de evitar: cheiro desagradavel e consistencia muito dura para poder ser empregado sob a forma de pomada; o cheiro porem, pode ser mascarado pela addição d'um pouco de balsamo do Perú, ou d'uma substancia aromatica qualquer (essencia de bergamotta ou de rosas); para o tornar sufficientemente unctuosos, basta ajuntar-lhe uma quantidade egual de azeite.

Póde-se tambem, em certos casos, usar-se o *œsipus* não addicionado d'azeite pizando-o e estendendo-o sobre a pelle com um pincel duro ou uma pequena escova. Este modo de applicação tem dado a M. Ihle excellentes resultados no echzema seborrheico do couro cabelludo.

Eis uma formula excellente no tratamento do prurigo, queimaduras e echzema, principalmente no echzema humido da face das creanças:

Esipus, azeite ãã 10 gram.

Amido em pó 20 »

Misture.— Uso externo.

Contra o *sycosis* parasitario, a mistura seguinte é muito efficaz.

Sub-nitrato de bismutho 5 gram.

Oxydo de zinco, *œsipus*, azeite, ãã 20 »

Misture.— Uso externo.

PEÇAS OFFICIAES

SESSÃO DE 9 DE AGOSTO DE 1892

Abriu-se a sessão, eram 9 horas da noute.

Na falta do sr. presidente e vice-presidente, presidiu o 1.º secretario, o sr. Emilio Fragoso, secretariado pelos srs. Reya Campos e Carreiro.

Antes da ordem da noute, foi lida a correspondencia, da qual se destacava uma carta d'um digno socio accusando o estabelecimento d'uma pharmacia illegal. Resolveu-se que se officiasse ao governador civil respectivo afim de este providenciar no sentido da lei ser acatada.

Entrando-se na ordem da noute, foi apresentado um officio da Associação Industrial em que pedia o apoio da Sociedade Pharmaceutica para a propaganda que aquelle importante gremio pretende fomentar em pró da industria nacional, ficando resolvido que a mesa se encarregasse de se entender com a respectiva commissão.

Leu-se depois o relatorio elaborado pela commissão revisora de contas, sendo protelada a competente discussão para depois de segunda leitura, em sessão posterior.

Em seguida poz-se á discussão o thema das pharmacias illegaes.

Usou da palavra o sr. *Cunha*, que manifestou a sua descrença radicada nas atensões dos governos para assumpto tão momentoso, porque aos reiterados protestos e requerimentos da Sociedade Pharmaceutica, elles cerram systematicamente os ouvidos, passando indifferentes e quicá desdenhosos pelo explanar das mais ligittimas e racionaes observações, sujeitas ao prestigio d'uma classe numerosa e respeitavel e ao bem publico geral.

Referindo-se aos pharmaceuticos-droguistas, reputa-os

no campo das incompatibilidades profissionaes, sendo opinião de s. ex.^a que o pharmaceutico exerça funcções privativas, distinctas das do droguista.

Seguiu-se o sr. *Reya Campos*, que, espraçando-se sobre as causas derivantes do fatal declive em que resvala a classe pharmaceutica, diz caber aos seus membros uma grande parcella de responsabilidade, citando para exemplo o uso extensivo que muitos dão ao decreto que os authorisa a auzentarem-se da pharmacia, fazendo substituir-se por um empregado com pratica não inferior a 4 annos.

Alludindo ao discurso do sr. Cunha sobre o ponto concernente aos pharmaceuticos e droguistas, impugna o que s. ex.^a acabou d'affirmar, estribando-se em varios argumentos que desinvolvidamente explanou.

O sr. *Pinheiro*, usando da palavra, começa por perguntar se ha lei alguma cohibitiva da existencia de pharmacias como propriedade d'extranhos? Se não ha, com que direito havemos de levantar o clamor d'um protesto em presença das authoridades competentes? Porque, se é simplesmente um erro, uma imprevidencia desgraçada da lei, filha da insciencia ou precipitação do legislador, torna-se questão de maior latitude e os tramites a seguir para a conquista das nossas aspirações não são positivamente estes, mas os d'uma reclamação ao parlamento.

O orador topicou ainda alguns assumptos, e finalisou pedindo providencias para que se torne rigorosa a fiscalisação da pharmacia nos preços dos medicamentos para o exacto cumprimento da respectiva tabella regimental, que é o grande obstaculo a certa anarchia especulativa.

O sr. *Costa*, secundando o sr. Pinheiro nos seus de-

sejos de que se cumpra o regimento, apontou varios factos em que o escrupulo d'alguns pharmaceuticos se eclipsa, e pediu providencias que obstem á repetição de taes abusos.

O sr. *Simões d'Abreu*, entende sobremaneira melindroso o assumpto das pharmacias illegaes, assumpto cortado de sombras e que facilmente se enleia na malhas do sophisma. Ha uma lei que authorisa o pharmaceutico a ser substituido accidentalmente na pharmacia por um ajudante com o minimo de 4 annos de practica, mas aquelle accidentalmente pode ser muito elastico, e, nesse caso, justifica-se a existencia d'um cem numero de pharmacias cujos administradores responsaveis vivem ausentes d'ellas.

Entende que juncto dos poderes constituídos, apesar da sua exiguibilidade, nada se obterá que lisongeie as aspirações da collectividade pharmaceutica; entretanto como acto previdencial, propõe que a mesa se encarregue de tão espinhosa missão.

O sr. *Alberto Veiga*, sente não estar d'accordo com o projecto da representação ao governo: é mais uma desillusão aggregada ao grosso volume das já experimentadas.

Porque não se estabelece entre nós um comité de vigilancia, semelhante aos que existem em França, com o seu advogado respectivo, a sua policia especial?

A practica dos abusos, das illegalidades, deve ser corrigida pelas determinações dos competentes tribunaes e a Sociedade Pharmaceutica assisadamente procederá formando um fundo especial de reserva para accudir as despesas d'esses repetidos accidentes que altamente a preocupam.

O sr. *Carvalho*, descrê tambem do bom exito da representação ao governo.

Refere-se á reforma do ensino pharmaceutico. O governo accusa as precarias circumstancias do thesouro para pretextar o seu retrahimento em obra de tão subida ponderação, mas reconhece as rigorosas imposições da sua urgente necessidade; pois bem, sem aggravos palpaveis para o thesouro, sem abalos d'intimidar, nem responsabilidades de provocar hesitações, ha um meio simples, commodo e bom de prover ao salutar remedio: extinguindo o curso de 2.^a classe.

Pede que se activem os esforços da Sociedade no empenho de satisfazer-se tal pretensão.

O sr. *Emilio Fragoso*, respondendo a uma pergunta formulada pelo sr. Pinheiro sobre se ha lei alguma que negue a extranhos o direito d'estabelecer pharmacias, diz (opinião meramente individual) que nunca encontrou artigo algum na legislação sanitaria, que expressamente o prohiba, embora lhe pareça que o pensamento do legislador, traduzido em mais de um documento, é das pharmacias pertencer a diplomados.

Discute em seguida a illegalidade de certas pharmacias.

A homeopathia não está reconhecida pelo estado, mas tolerada, e assim existem pharmacias homeopathas com atropello pronunciado á letra da lei, mas entre as que existem em Lisboa só uma póde ser considerado legal, a do sr. Costa, que todas as demais são illegalissimas, visto pertencerem a medicos, a quem a lei não permitta a simultanea exploração da medicina e da pharmacia.

Pharmacias e drogarias junctas, fundidas, parece ao orador que estão igualmente fora do circulo da legalidade, porque á sombra d'uma fornecem-se n'outra substancias medicamentosas relativamente baratas, o que constitue um verdadeiro centro d'attracção dos clientes. com manifesto prejuizo dos pharmaceuticos honrados, dignos e conscientes da sua elevada missão

Lamenta profundamente que haja pharmaceuticos se prestem ás sordidas ambições dos droguistas, facultando o seu diploma, quasi sempre obtido á custa de ingentes sacrificios, para a exploração d'um negocio que é um attentado aos irrefragaveis direitos da classe a que petence.

Infelizmente, não ha lei que opponha o dique da moralidade e da justiça a esta invasão caudalosa dos parasitas da pharmacia, mas cabe ao pharmaceutico o dever imperioso de reagir contra as propostas e convites, mais ou menos captivantes dos droguistas.

Eu, exclama o orador, na qualidade de pharmaceutico, revolto-me e constranjo-me sempre que vejo atacada a classe, a que me honro de pertencer. Ainda ha pouco o *Correio da Noite* cahiu sobre a classe pharmaceutica vibrando-lhe punhaladas por entre batalhas de ridiculo, apodando-a d'ignorante, etc.

A esta amabilidade graciosa, responde a coherencia do sr. José Luciano, que, sendo por duas vezes ministro, se recusou sempre a patrocinar a nossa causa nas justas pretensões d'uma reforma pharmaceutica condigna ás exigencias da epocha, já tão profusamente illuminada pelas phases luminosas do progresso em todas as sciencias e artes.

Disse mais o orador, reportando-se a novo assumpto, que aos pharmaceuticos imputa-se geralmente a qualidade da receptores d'avultados proventos auferidos no desempenho do seu mister, sendo certo, todavia, que, attenta a expansão do grande ramo da pharmacia no nosso paiz, elles são modestamente remunerados comparando-os com os pharmaceuticos da Allemanha e outros paizes do norte, onde subsiste a limitação de pharmacias.

N'esses paizes comprehendem os governos, e comprehende o publico as particulares attensões que se devem aos membros d'uma classe, sobre os quaes impen-

dem gravissimas responsabilidades, proporcionando-lhes condições de vida desafogada e os respetos inherentes á sua melindrosa missão social.

Em Portugal, os governos vasam as suas opiniões em moldes diferentes, dormindo o somno da mais absoluta indiferença sobre tudo o que diz respeito ás justas reivindicações da classe pharmaceutica, deixando que se onerem as suas condições economicas, ao ponto de, se o pharmaceutico portuguez não fosse profundamente honrado e consciencioso, ver-se-ia arrastado pelo sopro fatal da necessidade a commetter perniciosas prevaricações professionaes.

Fallaram ainda varios dignos socios expressando o sentir dos antecedentes oradores.

Em seguida poz-se á discussão, sendo unanimemente approvada a proposta do sr. Simões d'Abreu, para que a mesa se encarregasse de representar ao governo o imprescindivel dever d'attender aos prejuizos da classe pharmaceutica, com a tolerancia das pharmacias illegaes, e bem assim um additamento do sr. Pinheiro, para que a ella se podessem aggregar os socios que se julgasse conveniente.

E não havendo mais nada de que tratar-se, o sr. presidente encerrou a sessão; eram 11 horas da noite.

Pelo 2.º secretario

João Carreiro.

da Ordem dos Farmacêuticos

SESSÃO DE 25 D'OUTUBRO DE 1892

Abriu-se a sessão eram 8 horas e meia da noite.

Occupava o logar da presidencia o sr. Silva Machado, secretariado pelos srs. Falcoeiras e Carreiro.

Antes da ordem da noite, foi lido um officio do sr. dr. Alves pedindo escusa do logar de presidente da So-

cidade para que fôra reeleito, allegando a carencia das suas forças vitaes e que tão urgicas e imperiosas se reclamam no actual momento historico da pharmacia portugueza.

Sobre este ponto, usa da palavra o sr. *Cunha*, que n'um exforço d'acrysolado sentimento evidencia a magoa que o punge pela desistencia do sr. dr. Alves do logar de presidente, a que foi elevado pelo voto unanime dos seus consocios e a que tem mercedissimo jus o seu talento primoroso, a sua auctoridade d'heraldico e a sua extraordinaria sollicitude, tendente aos progressos geraes da classe, que o tem como um dos seus mais sublimes ornamentos; propõe que a mesa se encarregue d'insistir com S. Ex.^a no empenho de demovel-o de similhante proposito.

Esta proposta foi unanimemente approvada, rejubilando-se o sr. presidente em acquiescer de bom grado aos desejos da assemblea, porque homens como o sr. dr. Alves honram sempre todos os logares sujeitos á esphera da sua influencia intellectual e demais vertentes d'um grande poder moral.

Em seguida, leu-se um officio do sr. administrador do concelho de Freixo d'Espada á Cinta instruindo a Sociedade da existencia n'aquella terra d'uma pharmacia illegal, pertencente a um individuo que em materia d'aptidões correlativas á arte pharmaceutica resval-a á inferioridade de zero, pois que nem ao menos conta o simples exame d'admissão aos lyceus.

Commentando o procedimento do snr. administrador, o sr. Malato, encontra supernamente cavalheirosa e digna a altitude d'aquella auctoridade em face de tão flagrante abuso, e isto quando as sentinellas vigilantes da lei fecham voluntariamente os olhos á levada caudalosa de muitissimos outros abusos d'egual jaez commetidos na impunidade pasmosa das leis coercitivas. En-

contra, pois, subidamente louvavel a conducta da referida auctoridade e propõe que se lhe officie elogiando a distincção do seu procedimento e agradecendo a amabilidade do seu favor.

Foi officio particular.

Em seguida foi lida a acta da sessão anterior, que suscitou uma ligeira observação da parte do sr. Malato, por não se haver consignado n'ella o protesto que S. Ex.^a proferiu contra o facto d'haverem entrado livremente na alfandega da capital varios medicamentos secretos importadas do estrangeiro por uma importante casa de Lisboa.

O 2.^o secretario interino, Carreiro, elaborador da acta referida, explicou os motivos que o levaram a isso, baseando-se na precipitação com que a redigiu.

O sr. *Sousa Telles*, para que não se repitam taes casos, e mesmo porque as actas devem ser a expressão rigorosamente fiel das varias occorrencias das sessões, propõe que o empregado competente da Sociedade assista d'ora ávante a ellas, auxiliando o 2.^o secretario nos seus trabalhos relativos.

Ordem da noite

Discussão do parecer da commissão revisora de contas.

A discussão versa nos tres seguintes pontos exarados no relatorio:

- 1.^o Socios que não pagam as quotas respectivas.
- 2.^o Pharmaceuticos que se irrogam socios indevidamente.
- 3.^o Applicação do dinheiro existente em caixa ao juro no Monte pio.

Sobre o assumpto, usa da palavra o sr. *Sousa Telles*,

que, discutindo o primeiro ponto, diz ser conveniente, talvez, dividir-se a quota total em pequenas quotas parciaes cobraveis semanalmente, passando-se ao cabo do anno o recibo geral.

O sr. *Teixeira* propõe que para aquisição facil e regular das quotas, junctamente com os jornaes da Sociedade, se remetam as quotas, convidando os socios ao cumprimento do seu dever.

O sr. *Sousa Telles*, obtempera que tal meio já foi invocado e executado, mas improficuamente.

Sobre o segundo ponto, lembra o digno socio, que a exemplo do que antigamente se fazia, se publiquem no fim de cada anno, no jornal da Sociedade, os nomes de todos os socios.

Relativamente ao terceiro ponto, é opinião de S. Ex.^a que a escassa importancia da quantia que ordinariamente constitue o fundo pecuniario da Sociedade, não vale a pena ser depositada em qualquer estabelecimento bancario.

O sr. *Cunha*, manifesta-se contra a idéa apresentada pela commissão revisora de contas para que se colloque o dinheiro a render, porque, além de ser exiguu, é de momento a momento reclamado pelas necessidades inadiaveis dos negocios da Sociedade, e jámais seriam compensados os incommodos resultantes do levantamento successivo de quaesquer quantias desejadas.

Na sua qualidade de thesoureiro, tem muitas vezes dispendido dinheiro do seu bolso para remediar faltas accidentaes na administração da Sociedade; no emtanto, a commissão propõe e a assembléa resolverá sobre o que de mais conveniente se julgar na applicação dos alludidos fundos.

Os srs. *Barreiros, Costa e Falcoeiros*, que compunham a comissão revisora de contas, forneceram ao sr. Cunha explicações respeitantes á causa que os impelliu a formular aquella proposta e teceram todos os mais subidos elogios á honestidade e zelo inconcusso do sr. Cunha no cargo espinhosissimo que lhe está confiado.

Ficou resolvido que o dinheiro continue em poder do digno thesoureiro. Mais se resolveu que no fim de cada anno sejam incertos no jornal da Sociedade os nomes de todos os socios.

E não havendo mais nada de que tratar-se, o senhor presidente encerrou a sessão; eram 11 e meia horas da noite.

O 2.^o secretario interino.

João Carreiro.

SESSÃO DE 11 DE OUTUBRO DE 1892

Abriu-se a sessão ás 9 horas da noite.

Na ausencia do sr. presidente, presidiu o vice-presidente, sr. Machado, secretariado pelos srs. Emilio Fragoso e Carreiro.

Antes da ordem da noite, foi lido um officio do sr. Ferreira, pedindo as especiaes attentões da Sociedade Pharmaceutica para o facto d'haver o sr. Rigollot, de Paris, requerido ao governo portuguez a permissão da livre entrada dos seus sinapismos, allegando que não constituem especialidade de composição secreta, para cuja confirmação recommenda o competente voto da Junta de Saude. Caso o governo defira as pretensões do requerente, encontrar-se-ha altamente aggravado nos interesses da sua industria sinapica, para cujo desinvolvimento e aperfeçoamento de ha muito tem trabalhado e dispendido grossos capitaes; pór isso pede

á Sociedade que envide os seus esforços para conseguir-se algo de favoravel á sua industria.

Sobre este assumpto, usaram da palavra varios oradores, resultando da concisão dos seus discursos a nota frisante d'inconcussa solidariedade pharmaceutica, traduzida no geral appoio affirmado para a protecção da industria nacional.

O sr. *Ferreira*, enviou alguns dos seus sinapismos para serem submettidos á apreciação da Sociedade, e ficou resolvido que elles seriam remettidos á commissão de pharmacia, depois do que proceder-se-hia como fosse conveniente e justo.

Os dignos socios que fallaram sobre este assumpto foram os srs: Cunha, Malato, Silva, Carvalho, Nogueira, Pinheiro, Machado, opinando todos pela perfeição dos sinapismos do sr. *Ferreira*.

O sr. *Cunha*, propõe que se lavre na acta um voto de sentimento pela morte do distincto medico Castello Branco Saraiva e bem assim um voto de agradecimento ao sr. José Pedro Estanislau da Silva por haver representado a Sociedade no funeral do alludido medico.

O sr. *Oliveira Abreu*, offereceu á Sociedade o relatório que o sr. Cesar Justino da Lima Alves apresentou á Direcção Geral d'Agricultura sobre o seu tirocinio no laboratorio de chimica-agricola do Instituto Agronomico de Paris.

Foram admittidas as propostas para socios e unanimemente approvados os seguintes srs:

Ricardo Amado.

José Lopes da Silva.

Fernando Germano da Fonseca Santos.

João Maria Pereira.

Arthur Alvaro Pereira de Souza.
 João Carlos Alberto da Costa.
 José Caetano da Silva Junior.
 Marco Tullio de Carvalho.

Ordem da noite

Eleição dos corpos gerentes. Foram eleitos:

Direcção

Presidente.—Dr. Joaquim José Alves.
 1.º vice-Presidente.—Silva Machado.
 2.º vice-Presidente.—Oliveira Abreu.
 1.º Secretario.—Emilio Fragoso.
 2.º Secretario.—Manuel Falcoeiras.
 1.º vice-Secretario.—Silva Nogueira.
 2.º vice-Secretario.—Duarte Ferreira.
 Thesoureiro.—Fernandes da Cunha
 Vice Thesoureiro.—Francisco Maria Nogueira.
 Bibliothecario.—Firmino de Sampaio.
 Vice-Bibliothecario.—Prospero Meyrelles.

Por proposta do sr. *Pessoa*, ficaram reconduzidas as diferentes comissões.

Não havendo mais nada de que tratar-se, o sr. Presidente encerrou a sessão; eram 11 horas da noite.

Pelo 2.º secretario

João Carreiro.

OFFICIO DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS

—*—

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—Em resposta ao officio que V. Ex.^a se dignou enviar-me em nome da benemerita Sociedade Pharmaceutica Luzitana, cumpre me agradecer as gra-

daveis palavras que n'elle se encerram, estimando ao mesmo tempo que a Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa tivesse concorrido para se prohibir a entrada de medicame-tos de composição secreta no paiz, prohibição com que, como V. Ex.^a muito bem pondé-
ra, não só lucra a saude publica, mas que constitue tambem uma garantia aos legitimos interesses da classe pharmaceutica portugueza.

Deus guarde a V. Ex.^a Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, 9 de Agosto de 1892.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Dr. Joaquim José Alves, Meretissimo Presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

TRABALHOS ORIGINAES

Sobre alguns aparelhos usados nas ana- lyses toxicologicas dos alcaloides

(Concluido do n.º 7 de julho de 1892)

III.—APPARELHOS PARA DISTILLAÇÕES NO VACUO

Os methodos actuaes d'extracção dos alcaloides de visceras sus-
peitas exigem a eliminação de massas de alcool, por vezes con-
sideraveis, que se acham dissolvidas nos liquidos de tratamento
das materias examinadas.

A eliminação pode fazer-se ou por evaporação a banho-maria
ou por destillação n'uma corrente de gaz carbonico; e estas
operações, em grande numero de casos, são sem inconveniente.
Mas para certos alcaloides e glucósidos que podem ser altera-
dos parcial ou completamente, em presença dos acidos e a tem-
peraturas um pouco elevados (e estão n'este caso a atropina, a
thebaina, a solanina, a codeina e outros), é indispensavel recorrer
à destillação a temperaturas baixas, para obstar áquella alteração,
o que obriga a proceder à destillação a uma pressão muito inferior
à pressão atmospherica. E' n'este casos que o emprego dos appa-
relhos para destillação no vacuo se impõe como necessario.

Alguns d'estes aparelhos tem a configuração dos aparelhos
destillatorios ordinarios de vidro usados nos laboratorios, com as

modificações exigidas pela natureza da operação. O balão recipiente está, n'este caso, solidamente fixado, por meio de um tubo de cautchú para vacuo, com a trompa hydropneumatica, aparelho hoje usual para fazer o vacuo em todos os laboratorios, como já dissemos (1).

A uma das partes do aparelho, ou á propria trompa, liga-se tambem de ordinario um tubo manometrico ou um manometro para vacuo de qualquer especie, que serve para indicar o grau de rarefacção a que se opera.

Emfim um thermometro, mergulhado no liquido contido no balão gerador, vai indicando a temperatura durante a destillação.

Os balões recipientes e geradores devem ser de vidro forte e resistente, de espessura uniforme, sem desigualdades, d'outro modo é quasi certo partirem sob a acção da pressão atmosphérica exterior, quando o vacuo se faz no interior,—esta fractura, que não é sem riscos para o operador, pode inutilisar parte do liquido a destillar, além de obrigar a nova montagem do aparelho e a perda de tempo.

Por este motivo, aconsêlhamos aos que praticarem semelhantes operações que n.º usem nem as retortas para geradores, nem os vasos de Erlenmayer para recipientes.

Os balões geradores não devem ser aquecidos a fogo directo, mas a banho de agua ou de oleo, conforme os casos; devem mergulhar até o colo ou gargalo no liquido d'aquecimento, afim de se não condensar ahí mesmo o liquido destillado, sem passar para o recipiente.

Um tubo de vidro dobrado em syphão, um dos ramos do qual penetra até o centro do baião, e o outro composto de duas partes unidas por um tubo de cautchú munido de uma forte pinça de pressão mergulha pela extremidade externa no liquido a evaporar contido n'um vaso, serve para alimentar o balão onde se achá o liquido a destillar.

Como aparelhos destillatorios d'este typto mencionaremos os

(1) Temos o maximo prazer em rectificar uma asserção erronea, que escapou no nosso precedente artigo. A idéa das trompas não deve ser attribuida a LASSE, como dissemos (Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, numero de junho de 1892, p. 125); mas sim ao nosso illustrado compatriota o sr. Miguel Ventura da SILVA PIXTO, que anteriormente a 1873 tinha estudado a theoria d'estes utilissimos aparelhos no «Jornal de Sciencias mathematicas, physicas e naturaes» da nossa «Academia das Sciencias (n.º XIII. Lisboa. 1872), n'uma memoria apresentada a Academia pelo nosso illustre chimico já fallecido o sr. ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR, sob o titulo — «Sobre a theoria do rarefactor e a nova machina hydropneumatica.» Estes aparelhos já funcionavam nos laboratorios do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, onde o auctor é preparador de physica, desde fins de 1869.

que usou SCHUTZENBERGER para a concentração dos líquidos provenientes da decomposição das materias albuminoides, nos seus memoraveis trabalhos tendo por fim desvendar a constituição d'estas materias (1); o aconselhado por JUNGFLIESSCH no seu tratado de manipulações chímicas (2) e o usado pelo Dr. THIERRY nas suas investigações sobre as leucomanias da gordura humana (3) e que é, com pouca differença, o representado na fig. 7.

Nosapparelhos para destillar no vacuo é conveniente restringir quanto possivel as ligações e os tubos de vidro de diâmetros fortes. O refrigerante de Liebig pode perfeitamente dispensar-se nas operações toxicologicas, bastando mergulhar o recipiente em agua, ou fazer cahir um fio de agua sobre esse recipiente, collocado n'um funil.

A esta cathgoria de apparelhos pertence o que é geralmente conhecido pelo nome de *apparelho de FRIEDEL para distillar no vacuo* (4), o de FRIEDEL e CRAFTS (5), os de WURTZ (6), bem como aquelles que já usava no seu tempo o eminente toxicologista SELMI (7).

Tendo em vista as disposições d'estes apparelhos de destillação procuramos nós realisar para as destillações que tivemos a effectuar nas investigações toxicologicas, de que a justiça nos tem encarregado, uma installação simples e vantajosa, e chegamos a que se acha representado na fig. 8.

N'uma extremidade do apparelho acha-se a plancha manometrica do sr. ALVERGNAT, muito commoda para estas operações, e que permite vigiar a operação, marcando o grau de rarefacção a que se opera. Se fôr preciso, para evitar os sobresaltos durante

(1) WURTZ—«Dictionnaire de chimie pure et appliquée, supplément, 1.^e partie, A—F, p. 70 e 71; e SCHUTZENBERGER, «Traité de chimie générale,» t. I, Paris, 1880, p. 91. Veja-se tambem o apparelho de GAUTIER, referido na Technique bactériologique do Dr. ROB WURTZ, Paris 1892, p. 181, fig. 69; e o apparelho de DRAGENDORFF no livro intitulado — «Analyse chimique des végétaux, (traduction du Dr. SCHLAGDENHAUFFEN),» Paris, 1885, p. 112.

(2) JUNGFLIESSCH (EMILE)—«Manipulations de chimie, 2.^e édition, Paris, 1892, p. 155.

(3) THIERRY (MAURICE DE)—«Contribution à l'étude des alcaloïdes microbiens et physiologique (ptomaines et leucomaines).» These, Paris, 1889, p. 132.

(4) WURTZ—«Dictionnaire de Chimie pure et appliquée, Paris, t. I, 2.^e partie, C—G, artigo «Distillation, p. 1185, fig. 223.

(5) WURTZ (Ad)—«Dictionnaire de chimie pure et appliquée, ibid.

(6) WURTZ (Ad).—«Introduction à l'étude de la chimie,» Paris, 1885, p. 109 e 110, fig. 9 e 10 (Devo advertir que estas figuras se acham erradas, por terem representada uma torneira da agua em vez de uma trompa ligada ao balão recipiente).

(7) SELMI (FRANCECO)—«Ptomaine od alcaloïdi cadaverici; Bologna, 1882, p. 116, fig. 11

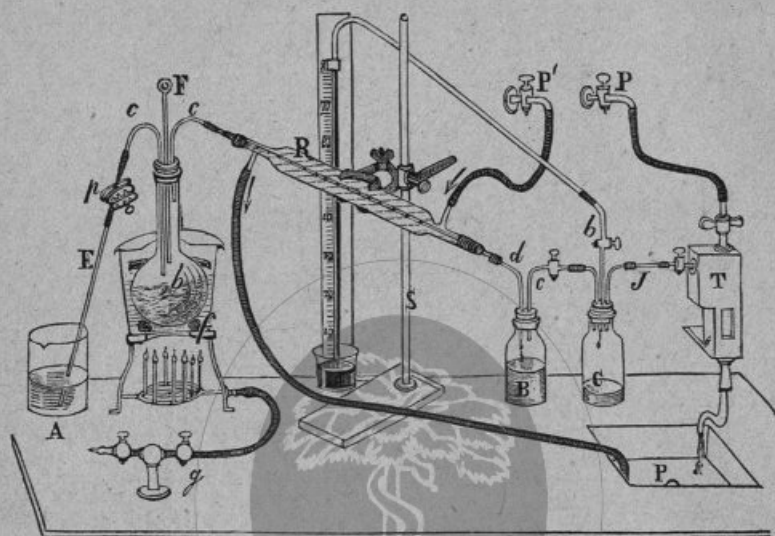


FIG. 7—APPARELHO PARA DISTILLAÇÃO NO VACUO

B, balão gerador, aquecido por um banho maria; f, forno de gaz; F, termometro; c E, tubo curvo em syphão, munido de uma pinça forte de parafuso p, servindo para alimentar por pequenas porções o balão com o liquido a evaporar, contido no vaso A; C, tubo curvo, communicando o balão com o refrigerante de Liebig R; d, tubo de vidro, terminado em bisel no vaso B, de bocca larga, servindo de recipiente, e ligado por outro lado ao refrigerante; c, tubo curvo, munido de torneira, que serve para a comunicação com o 2.º recipiente C; J, tubo de ligação com a trompa de ALVERGNIAT T; b, tubo de torneira ligado a um manometro de mercurio; tambem pode servir, desligado do manometro, para fazer penetrar o ar no apparatus; g, torneira de gaz; S, supporte com pinça para o refrigerante de LIEBIG; P, bacia com escoamento da agua; P, P' torneiras de agua, com pressão.

a destillação do liquido, fazer passar por elle uma corrente continua de pequenas bolhas d'ar ou de hydrogenio, nada mais facil, modificando para isso convenientemente o cumprimento do tubo t de modo a que elle mergulhe no liquido, e terminando-o em ponta capillar.

Na outra extremidade do apparatus acha-se uma *trompa hydro-pneumatica de Körtig*, apparatus de muito pequenas dimensões, e com o qual, dispondo-se de agua com forte pressão, se obtem excellentes resultados, conseguindo-se em muito curto praso de tempo fazer o vacuo a 1 centimetro em todo o apparatus destillatorio.

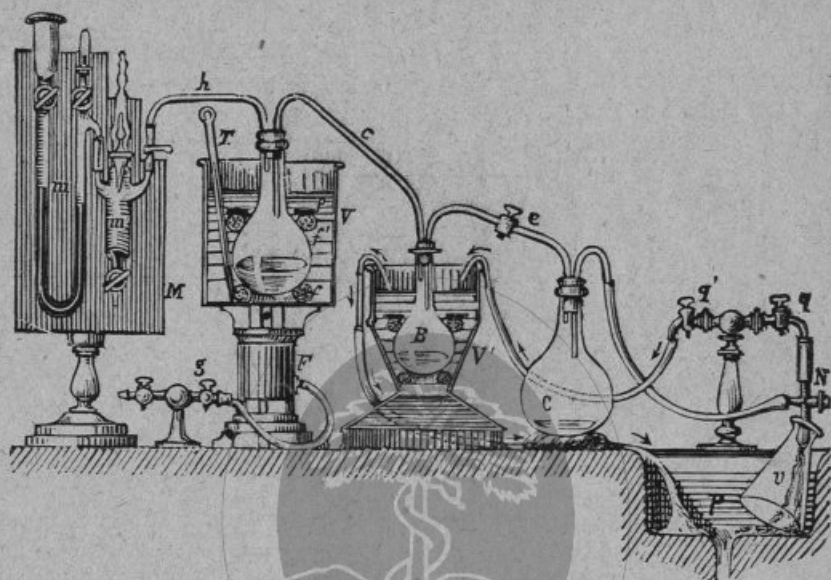


FIG. 8—APARELHO PARA DESTILLAR NO VACUO.

N. Trompa hydro-pneumatica de KORTOW; C. balão de larga capacidade para regularisar a pressão; B. balão recipiente, onde se condensa e recolhe a maxima parte do liquido destillado; este balão está dentro de um suporte para matrizes V, e ahí mantido em posição como se vê para o balão gerador; é resfriado por uma corrente constante de agua fria que vem da torneira d'agua q; V. Banho-maria com o liquido a destillar, a uma temperatura de 30-35°, dada pelo thermometro T; o balão assenta sobre uma rodeta ou sogra de palha f, e é mantido em posição por um disco pesado de chumbo p que assenta tambem sobre a rodeta de palha f; M. Plancha manometrica, de ALVERGIAT, com o manometro m e tubo m, com valvula de segurança de CAUCHOU; L. forno de FLETCHER para temperaturas variaveis, servindo ao aquecimento do banho-maria; g, sahida de gaz; q e q', sahidas de agua, com grande pressão; P, bacia para esgotar da agua; y, vaso de ERLMAYER, ao qual se destacou o fundo e que se colloca por baixo da trompa de KORTOW para não haver projecção de liquido.

Um balão gerador, um outro recipiente mergulhado em agua fria constantemente renovada, e um terceiro que podemos considerar como regularizador da pressão dentro do aparelho—completam a installação. E' claro que todas as ligações devem ser feitas com cauchús para vacuo, e perfeitamente adaptadas aos tubos de vidro, de modo a que não haja fugas.

Com este aparelho é possível fazer rapidamente a evaporação dos liquidos alcoholicos a temperaturas inferiores a 35.° C.

A legenda que acompanha a figura dispensa-nos mais explicações.

O largo uso que temos feito d'este aparelho permite-nos aconselhar o com confiança ás pessoas que se entregarem a estudos toxicologicos.

A. J. Ferreira da Silva.

PHARMACIA

Iodozone

E' um liquido tendo por base uma combinação d'iodo e d'azone.

O iodo acha-se dissimulado n'este liquido e não apresenta as reacções caracteristicas com o amido. A solução do iodo é completa e o liquido, d'amarello que era, torna-se, depois da combinação, completamente branco; o iodo perde a sua causticidade e pode ser empregado seja em lavagem ou d'outro modo, sem alterar os estofos nem os tecidos. E, um maravilhoso desinfectante quando se emprega em pulverisações na atmosphera; constitue um liquido antiseptico, do qual se pode fazer uso para pensos das feridas. Pode ser empregado igualmente com grande successo na antiseptia da bocca.

Por meio d'um pulverizador ou d'um inhalador, este liquido pode servir para fazer penetrar o iodo em quantidade sufficiente, ao mesmo tempo que o ozone, nas vias respiratorias dos tísicos, sem receo da intolerancia.

Pode-se tambem ajuntar ao tratamento da tísica pelo ozone um agente antiseptico poderoso (empregado até hoje em vista pequena quantidade) e sem receiar a sua causticidade. O iodozone representa, em uma palavra, a combinação que se forma na atmosphera, particularmente sobre as margens do mar, onde se acham em permanencia o iodo e o ozone.

Este liquido poderá servir tambem como desinfectante nos hospitaes, escolas, etc.

Productos secundarios da fabricação.—1.º Tratando este liquido pelo chloreto de sodio, obtem-se, no fim d'alguns dias, um deposito de crystaes brancos, reflectindo á luz como o diamante pulverisado. M. Maurici Robin chama-lhe—*acido iodozomco*. Differe do acido iodico em que elle é insoluel na agua, alcool e ether;

2.º Fazendo uma mistura d'iodozone com ether ozonado e sal marinho, obtem-se um liquido que, pulverisado n'um aposento, pode reproduzir absolutamente, como composição, uma atmosphaera marinha artificial.

Absinthina

M. O. Senger prepara a absinthina agitando o extracto ethereo do absinthio com agua, purificando por agitação com o hydrato d'alumina recentemente precipitado, extrahindo o principio amargo com o ether, evaporando e seccando sobre o acido sulfurico. O soluto aquoso póde tambem ser evaporado no vacuo.

A absinthina é um pó amorpho amarello desmaiado, de sabor amargo intenso. Funde a 65º e tem a formula $C^{15}H^{20}O^4$. E' soluel na agua, alcool e ether. E' um glucoside, que se decompõe pela ebullicão com a agua e acidos diluidos em dextrose, um oleo volatil e um corpo resinoides pertencendo á serie aromatica, da formula provavel $C^{21}H^{26}O^6$, comportando-se como um oxacido.

da Ordem dos Farmacêuticos

O novo reitor da Universidade de Coimbra

A nomeação do sr. dr. Costa Simões para o cargo de reitor da Universidade de Coimbra teve uma tal publicidade, que nada conhecemos mais significativo, porque todos os jornaes deram a noticia em termos tão extremamente honrosos para o douto professor, que

vieram revelar que é um dos homens mais queridos do paiz.

E na verdade, quem conversar com aquelle illustre homem da sciencia, fica decerto tendo por elle uma sympathia.

Não conhecemos ninguem mais modesto, mais attencioso, e com quem se possa falar tanto á vontade.

Desde os nossos primeiros escriptos, quando ainda o não conheciamos, que começámos, não a elogial-o, nem vultos de tal grandeza cerecem d'isso, mas a servir-nos dos seus trabalhos para justificar proposições que temos defendido.

Mas, como dizemos nós que o não elogiavamos, se o maior elogio que se pôde fazer a uma individualidade qualquer, por maior que seja a sua importancia, é cital-a, apresentar as suas opiniões para justificar principios que se defendem?

Só, porém, d'esta fórma o fizemos, que é a mais nobre, que não se pôde evitar e a unica que dada por quem firma estas palavras podia ter algum valor.

Se conhecemos isto, tambem sabemos que o nosso jornal devia registrar um acontecimento, a que todos os jornaes, desde o mais moderado até ao mais avançado — o que não é vulgar —, dedicaram palavras amaveis, justas e honrosas, que mais ou menos nos honram tambem, porque dizem respeito a um membro benemerito da Sociedade Pharmaceutica.

Quizemos reunir, para publicar aqui, o que os jornaes disseram; mas, tivemos que desistir d'essa ideia, porque todos elles, e por mais do que uma vez, se referiram ao novo prelado da universidade.

Registemos, pois, simplesmente o caso, que é agradavel de cumprir, e dirigindo as nossas felicitações ao sr. dr. Costa Simões, interpretamos certamente os sentimentos da classe.

F. de Carvalho.

PEÇAS OFFICIAES

SESSÃO DE 8 DE NOVEMBRO DE 1892

Presidencia do sr. Silva Machado

Foi aberta a sessão ás 9 horas da noite.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Teve segunda leitura e foi approved o parecer da commissão de pharmacia, relativo aos sinapismos preparados pelo sócio, sr. Ferreira.

Sobre este assumpto, fizeram uso da palavra os srs. Reya Campos e Cunha, sendo ambos concordes na opinião de que os sinapismos do sr. Ferreira são d'uma perfeição inexcedivel e merecem ser preferidos por todos os collegas, attendendo ás multiplas rasões que n'elles concorrem para se lhes dar tal preferencia.

O sr. 1.^o secretario lê um parecer para ser admittido sócio correspondente um pharmaceutico da armada franceza.

Foi tambem lido um officio do sr. Burmeister, pedindo para ser analysado um sulfato de quinina da fabrica Behering.

Entrando-se na ordem da noite, o sr. Cunha, em presenca d'um manifesto que tres pharmaceuticos do Porto fizeram inserir n'um diario lisbonense, expende a sua opinião, dizendo que a protecção pautal até agora concedida aos productos pharmaceuticos deve continuar a manter-se, porque isso equivale a elevar a classe do nivel deprimente a que tem estado sujeita.

Sobre este assumpto, fallaram detalhadamente os srs. Reya Campos, Fragoso, Souza Telles, Tedeschi e Falcoeiras.

O sr. *Emilio Estacio* propõe, que seja nomeada uma comissão, com amplos poderes, para resolver tudo que diga respeito á manutenção dos actuaes direitos proccionistas sobre os artigos da industria pharmaceutica.

A comissão ficou composta dos srs.:

Sousa Telles, presidente.

Emilio Fragoso, relator.

Silva Machado.

Manoel Falcoeiras.

Reya Campos.

J. Vicente Neves.

João Mendes Carreiro.

Emilio Estacio.

Manuel Valente Serrano.

Antonio Ferreira.

Simões Serra.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão; eram 11 horas da noite.

O 2.º secretario

M. Falcoeiras.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

SESSÃO DE 29 DE NOVEMBRO DE 1892

Presidencia do sr. Silva Machado

Foi aberta a sessão ás 9 horas da noite.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. 1.º secretario leu um officio do sr. dr. Costa Simões, agradecendo as felicitações que a Sociedade lhe dirigiu por occasião de ser nomeado Reitor da Universidade.

Ordem da noite

Procedendo-se á eleição de presidente, depois de verificadas as listas entradas na urna, ficou eleito o sr. Sousa Telles.

O sr. *Telles* profundamente commovido e sinceramente penhorado pela demonstração de estima e confiança, de que acabava de ser alvo, agradece á Sociedade a sua manifestação, que o surpreende, pois esperava ver eleito o sr. Silva Machado, cujo interesse pelo que diz respeito á classe é geralmente conhecido e apreciado.

O sr. Machado, continua o orador, é um dos ornamentos mais distinctos da classe pharmaceutica, um dos membros mais prestimosos d'esta Sociedade e, como tal, estava naturalmente indicado para occupar a cadeira presidencial.

O sr. *Silva Machado* agradece as palavras do sr. Telles e julga-se satisfeito por ter contribuido d'alguma forma para a resultado da eleição

O sr. *Estanislau da Silva* propõe um voto louvor ao sr. Machado pela fórma como geriu os negocios da Sociedade, durante a falta de presidente. Foi approvedo.

O sr. *Telles*, pedindo a palavra, refere-se aos pharmaceuticos que ultimamente se tem entregado á preparação de especialidades que antigamente eram importadas do estrangeiro, e propõe que a Sociedade delibere ácerca da sua proposta, que é a criação d'um diploma honorifico especial para esses collegas, que á custa de exforços e sacrificios nos vão livrando da tutela estrangeira.

Referindo-se á imitação em geral, s. ex.^a dissertou largamente com a sua conhecida proficiencia.

O sr. *Estacio* lê a representação que deve ser dirigida á commissão revisora das pautas.

Foi approvada, bem como a sua proposta para que a representação fosse assignada pelos pharmaceuticos de Lisboa que quizessem.

Foi tambem lida e approvada a representação ao sr. governador civil, para que cesse o abuso das pharmacias illegaes.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão; eram 10 e meia horas da noite.

O 2.º secretario

M. Falcoiras.

Representação dirigida á Commissão das pautas

A execução da lei das pautas, na parte relativa a medicamentos, tem produzido algumas perturbações nos habitos contrahidos por necessidades mais ou menos justificadas.

Teem-se, como consequencia, levantado clamores fundamentados, que teem chegado aos dominios da imprensa jornalística, da parte dos droguistas, dos pharmaceuticos e do publico.

Reclamam uns contra as erradas classificações, que teem vedado a importação de productos, que nem o espirito nem a letra da lei prohibem; protestam outros, menos observadores, contra a propria lei, attribuindo ás suas disposições o que apenas é erro de classificação ou deferencia de regulamentação.

No meio, porém, d'esses clamores, nascidos dos mesmos factos, diversamente comprehendidos, ninguem reclama contra a applicação das tachas estabelecidas.

E', que, de facto, todos reconhecem, que ellas foram sensatissimamente reguladas, ou se considerem sob o ponto de vista da protecção e incitamento á industria nacional, ou se apreciem sob o ponto de vista dos sagrados interesses da saude publica.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que solicitára por largos annos os justificados favores, que a actual pauta dispensa á industria pharmaceutica e á saude publica, julga do seu dever vir perante V. Ex.^{as} reclamar as medidas de regulamentação efficazes para a boa e facil execução da actual pauta, pondo-se assim termo ás repetidas queixas, que uma menos exacta comprehensão da lei suscita diariamente, e deixando-se em relevo a sua viabilidade e liberalidade, a qual chega ao ponto de permittir a importação de medicamentos de composição secreta, desde que se dê cumprimento ao estabelecido no regulamento de 25 de janeiro de 1864.

E nesta occasião folga a mesma sociedade de levar ao conhecimento de V. Ex.^{as} que nos fastos da historia da industria nacional portugueza raramente se encontrará um exemplo tão brilhante de quanto pode o favor das pautas no desenvolvimento de uma industria.

O beneficio pautal não veio só impulsionar muitos ramos criados d'esta variadissima industria, veio completal-o, fazendo nascer de todos os lados, com a mais surprehendente vitalidade dentro do curtissimo periodo de alguns mezes, quanto n'ella faltava, para nos podermos emancipar, por completo, do pezado tributo, que o paiz pagava á industria pharmaceutica estrangeira.

E não sabe a Sociedade Pharmaceutica Lusitana se mais deva orgulhar-se com a fecundidade, com que brotaram os germens d'esta tão interessante industria, suffocados e esterilizados pelo intrusismo e vigorosa pro-

paganda das industrias estrangeiras, se com a extraordinaria perfeição que desde logo enalteceu a industria pharmaceutica portugueza, sendo de notar que ao seu producto perfeito pôde estabelecer e conservar, em beneficio do publico, um preço inferior ao dos similares estrangeiros.

E como no seio da commissão ha os mais respeitaveis profissionaes e as mais incontestaveis auctoridades, entendeu a Sociedade Pharmaceutica Lusitana enviar-lhes os especimens dos differentes industriaes seus associados, como a mais eloquente attestação das suas affirmações, pedindo licença de submettel-os á sua auctorisadissima apreciação.

D'estes productos a maior parte fornece já a industria nacional em quantidade sufficiente para as necessidades do paiz; outros, poucos, aguardam a rapida e já iniciada ampliação das respectivas installações, para, conjunctamente com os anteriores, determinarem emfim a emancipação completa da industria pharmaceutica portugueza.

Não carece, pois, a nossa industria de mais favor do que lhe dispensa a pauta vigente, favor contra o qual ninguem reclama.

Carecem todos de medidas que não empanem a justiça e o criterio que presidiu á sua elaboração, deixando-se que produza os seus beneficos effeitos, sem mal entendidas interpretações, de que resultam vexames e queixumes.

Essas medidas já a Sociedade Pharmaceutica Lusitana e a Junta Consultiva de Saude reclamaram do governo, parecendo a ambas, que um technico pharmaceutico nas alfandegas é absolutamente indispensavel.

Se as circumstancias difficeis do thesouro são um obstaculo invencivel á criação d'estes logares, pode o commercio d'este genero d'artigos remunerar-os por meio de uma percentagem sobre os productos d'esta

natureza, e poderia talvez tambem o governo commisionar n'este serviço algum dos pharmaceuticos, que teem posição official, e a Sociedade Pharmaceutica Lusitana põe á disposição do governo os seus serviços desinteressados, se, para os casos de duvida, entender, que a ella deva recorrer, como em Paris, em circumstancias analogas, o governo recorre á *Société de Pharmacie*.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 5 de dezembro de 1892.

João José de Sousa Telles. — Alfredo da Silva Machado. — Emilio Fragoso. — Manoel Vicente Falcoeiros. — Manoel Valente Serrano. — José Antonio Barreiros. — Antonio Joaquim Pinto Junior. — José Bento Coelho de Jesus. — José Reya Campos. — Antonio Piloto. — Joaquim Marques de Sousa. — José Ferreira da Costa. — Emygdio da Silva Macedo. — José Maria Soares Teixeira. — João José da Costa. — Bernardo Dias. — João Maria Lopes. — Augusto d'Oliveira Abreu. — Luiz Pinto Leão de Oliveira. — Alberto da Costa Veiga. — Francisco José da Costa. — Commendador José Tedeschi. — Pedro Fernandes da Cunha. — Joaquim Simões Serra. — Antonio Francisco Nogueira. — Antonio Augusto da Silva Pratas. — Augusto Ribeiro dos Santos Viegas. — João Carlos Alberto da Costa Gomes. — Augusto Simões d'Abreu. — Joaquim Antonio Vaz Leirinha. — José Vicente das Neves. — José Pedro Estanislau da Silva. — João dos Santos Duarte. — Andrade & Irmão. — José Mendes Jara. — Antonio de Almeida Baptista. — José Augusto Pancada. — Filippe Ferreira de Mattos Mirando. — Julio Moreira Feyo. — Joaquim Urbano da Veiga. — Caetano José da Silva. — Venancio Firmino de Sampaio. — Matheus Soares das Neves. — Antonio Augusto de Ascensão. — Joaquim Mattos Christovam Pinheiro. — João de Mattos Casaca. — João Gomes Coelho d'Oliveira. — Raphael Baptista. — Emilio Estacio. — Abel Leitão de Figueiredo. — Raphael Baião

Vieira. — *Francisco Maria Nogueira.* — *José Antonio da Motta.* — *Verissimo Gomes Ferreira Lobo.* — *Claudino Leitão.* — *José Pereira Rodrigues.* — *Boaventura Jordão.* — *Manoel Vicente de Jesus Abrantes.* — *Joaquim José Cactano Castello.* — *Felisberto Augusto Lopes.* — *José Antonio Vieira Alves.* — *João Maria Pereira.* — *João Pires Coelho.* — *João Mendes Carreiro.* — *José Ribeiro Guimarães Drack.* — *Antonio Ferreira.* — *Francisco José Malato.* — *Joaquim Moreira da Silva Lopes.* — *Marco Tulio de Carvalho.* — *Francisco Mendes Bagoerro.* — *Antonio Alves Sabino.* — *Sebastião Antonio Delrisco.* — *José de Mattos Saraiva.* — *João Damaso Pires.* — *João de Deus e Silva.* — *Domingos Francisco da Silva Nogueira.* — *Ricardo Pereira Amado.* — *Prospero Ribeiro Chaves Meirelles.* — *José Ferreira da Silva.* — *Joaquim Antonio Cardoso.* — *Alfredo Mella.* — *Achilleu Augusto da Piedade.*

Direito pharmaceutico portuguez

Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes, etc., relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza.

(Continuado de pag. 125)

N.º 402

Centro de Documentação Farmacêutica
Ministerio dos negocios do reino
da Ordem dos Farmacêuticos

Direcção geral de instrucção publica

1.ª Repartição

Portaria, de 21 de fevereiro de 1890, nomeando uma commissão composta de pharmaceuticos para elaborar os projectos de reforma do ensino e exercicio profissional pharmaceutico.

Sendo de reconhecida necessidade elevar o ensino da pharmacia á altura reclamada;

Considerando que a organização dos estudos pharmaceuticos, que em todos os paizes civilizados tem acompanhado o progresso scientifico, se acha entre nós tal fôra estabelecida ha mais de meio seculo;

Considerando que tão importante assumpto, a que se acham ligados os mais serios interesses da saude publica, merece especial cuidado e attenção dos poderes constituídos;

Attendendo ás representações que por vezes teem sido dirigidas ao governo; e

Convindo preparar as bases de uma reforma que possa ser depois discutida nas estacões competentes:

Ha por bem Sua Magestade El-Rei nomear uma commissão composta de João José de Sousa Telles, presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, de Lisboa.

Henrique Mauricio Jorge de Lima, presidente do Centro Pharmaceutico do Porto.

Emilio Fragoso, pharmaceutico do hospital de S. José, e redactor da *Gazeta de Pharmacia*.

Alfredo da Silva Machado, vice-presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, de Lisboa.

Claudino José Vicente Leitão, professor do dispensatorio pharmaceutico da escola medico-cirurgica de Lisboa.

Isidoro da Fonseca Moura, professor do dispensatorio pharmaceutico da escola medico-cirurgica do Porto.

Vicente José de Seica, administrador do dispensatorio pharmaceutico dos hospitaes da Universidade de Coimbra.

Joaquim José Alves, antigo chefe de serviço pharmaceutico naval.

Manuel Nepomuceno, pharmaceutico militar de 1.^a classe.

José Tedeschi, professor de pharmacia jubilado.

Carlos Richter, redactor da *Pharmacia Portugueza*.

O primeiro dos nomeados servirá de presidente da comissão, o segundo de vice-presidente e o terceiro de secretario.

Esta comissão é incumbida de propôr os projectos de reforma que julgue indispensaveis:

1.º Sobre a organização do ensino da pharmacia no paiz.

2.º Sobre o exercicio profissional pharmaceutico.

Sua Magestade, confiando na intelligencia, zelo e proficiencia dos nomeados, espera que enviem com a possível brevidade os resultados dos seus trabalhos.

Paço, em 21 de fevereiro de 1890.—Rei.—*Antonio de Serpa Pimentel*.

(*Diario do Governo*, n.º 43, de 1890)

(*Continúa*).

F. de Carvalho.

PHARMACIA

Mistura explosiva

O *Journal de pharmacie d'Anvers* chama a attenção para o seguinte facto:

Uma preparação veterinaria, cuja formula se segue, fez explosão 24 horas depois de expedida e com tal violencia, que a garrafa que a continha ficou reduzida a pedaços:

Espirito de nitro doce

Extracto fluido de belladona

Tinctura d'aconito
Tinctura de genciana
Nitrato de potassio
Chloreto d'ammonio
Agua.

A causa da explosão deve ser attribuida á presença dos tres corpos: nitrato de potassio, chloreto d'ammonio e espirito de nitro doce, que fazem explosão quando estão misturados com substancias organicas.

Os nitratos fazem sempre explosão quando se aquecem com uma materia organica, ainda mesmo que o calor seja muito moderado.

No caso presente, é provavel que a garrafa tenha sido collocada proxima do fogo.

O chloreto d'ammonio, em presença do chloro livre, forma o chloreto d'azote, que é excessivamente explosivo, principalmente quando está em contacto com oleos essenciaes, oleos fixos, corpos gordos, etc.

Finalmente, o espirito de nitro doce faz explosão quando se acha associado a certos extractos fluidos; é d'este modo que se relata o caso d'uma mistura d'extracto fluido d'uva ursina, espirito de nitro doce e de agua em proporções eguaes, a qual, decorridas algumas horas, detonou com força.

Parece-nos importante chamar sobre estes factos a attenção de todos os pharmaceuticos.

Esta preparação está muito em voga nos Estados-Unidos na medicina veterinaria para o tratamento de certas doenças d'olhos na raça cavallar.

Epidermina

Este novo vehiculo para as pomadas prepara-se triturando n'um almofariz quente 15 grammas de cera branca fundida com 15 grammas de pó de gomma ara-

bica. Quando a mistura está homogênea, juntam-se 15 grammas de glicerina e 15 grammas d'água, agitando até ao resfriamento.

Cradina

E' um novo fermento pepsico isolado por M. Mussi, que o obteve tratando pelos acidos diluidos ou alcalis o deposito formado pela addição d'água ao succo proveniente das incisões feitas nos ramos e folhas do *Ficus Carica*. Este fermento, em presença do acido chlorhydrico, possui uma acção mais energica que a pepsina; actua egualmente em presença dos alcalis. Transforma as substancias nutritivas em peptona.

Cantharidato de cocaina

Esta substancia, que se obtem fazendo reagir conjuntamente duas partes do chlorhydrato de cocaina, uma parte de cantharidina e duas partes de soda caustica, parece ser antes uma simples mistura do que uma combinação chimica. O dr. A. Hennig, de Konigsberg, serve-se d'ella em lugar de cantharidato de soda no tratamento da tuberculose e de algumas affecções chronicas (ozena, syphilis do nariz e da larynge, etc.), segundo o methodo dito de Liebrisch. O cantharidato de cocaina, segundo a *Sem. médicale*, apresenta sobre o cantharidato de soda a vantagem de não provocar irritação dos rins, da bexiga nem do intestino; uma outra vantagem d'este medicamento consiste em que as injecções são muito menos dolorosas que as do cantharidato de soda.

O cantharidato de cocaina é um pó branco amorfo, inodoro, de sabor apimentado e dissolve-se assás diffi-

cilmente na agua fria, mas é muito solúvel na agua quente.

Para as injeções hypodermicas, M. Hennig serve-se d'um soluto de cantharidato de cocaina em agua chloroformada. As doses empregadas variam d'um decimo de milligramma a um meio milligrammà de injeção.

Losophane

Segundo a *Semaine medicale*, este novo medicamento que, sob o ponto de vista chimico, é um triiodeto de crésol, apresenta-se sob a forma d'uma substancia crystallina branca, solúvel no alcool, ether, benzol e no chloroformio,

Contem 80 0/0 d'iodo puro. O dermatologista allemão, o dr. E. Saalfeld, de Berlim, ensaiou ultimamente a losophane no tratamento de diversas affecções cutaneas, obtendo em certos casos, e particularmente nas dermatoses d'origem parasitaria, resultados algumas vezes muito sarisfatorios.

Emprega a losophane em soluto e em pomada. Eis as suas formulas:

Losophane	1	gramma
Alcool	75	»
Agua distillada	25	»

F. s. a. Uso externo.

Losophane	0,50 a 1,50	gramma
Lanolina	40	»
Vaselina	10	»

Misture. Uso externo.

A losophane tem-se tornado principalmente efficaz contra a tinha, pityriasis e sarna. Tem igualmente dado excellentes resultados no tratamento do prurigo, d'al-

guns casos d'eczema chronico com espessura da pelle, de sycosis.

Nos casos de psoriasis e do cancro syphilitico, a acção da losophane é nulla.

O emprego d'este medicamento está contra-indicado em todas as affecções inflammatorias agudas da pelle, sobre as quaes a losophane, empregada mesmo em muito fraca concentração, actua facilmente como irritante.

Alumnol

O dr. Heinz dá este nome a uma nova preparação que, muito provavelmente, é um derivado oxyméthyl-sulfonado da alumina.

E' um corpo muito solúvel, nada hygroscopico, gosando de propriedades adstringentes e antisepticas muito accentuadas.

Tem sido empregado contra a gonorrhœa em soluto de 1 ou 2 0/0, contra os abcessos em soluto a 10 0/0. No estado pulverulento tem sido preconizado contra a suppuração dos ouvidos.

Pode-se incorporar a diferentes preparações pharmaceuticas, emplastos, pomadas, etc.

Ensaio do Iodoformio

O dr. Bouma, de Leyde, julga que as diferentes opiniões, referentes á efficacida e perigo dos pensos d'iodoformio, devem ser attribuidas principalmente ao seu grau de pureza.

Eis como M. Agema faz o ensaio do iodoformio: agita com força e por diferentes vezes uma pequena quantidade d'iodoformio com agua distillada; filtra, ajunta ao liquido filtrado um soluto alcoolico do nitrato de prata e deixa em contacto por espaço de 24 horas. Se o iodoformio contiver impuresas, formar-se-ha um deposito

negro de prata reduzida. O iodoformio puro dá perturbação escura difficilmente apreciavel.

Todas as preparações d'iodoformio que teem produzido intoxicações, submettidas ao processo indicado, reduzem o soluto do nitrato de prata.

Xarope d'iodeto de ferro

—*—

Na opinião de Bermick, o xarope d'iodeto de ferro é um reagente muito sensivel do ammoniaco; sob a influencia d'este, cora-se em amarello ou em escuro desapparecendo a coloração pela ebullicão ou pela addição do acido citrico. Este facto explica a modificação que soffre este xarope, depois d'algum tempo de preparado, e indica, ao mesmo tempo, o meio d'a remediar: ebullicão do xarope ou addição d'uma pequena quantidade d'acido citrico.

Incompatibilidade da exalgina com o acido salicylico

—*—

O dr. Parel, de Dieppe, prescrevendo a um dos seus doentes, atacado de febre typhoide, com cephalalgia violenta e rebelde, *cachets* contendo exalgina e acido salicylico, observou que, quando os dois corpos eram misturados no almofariz, a mistura a principio tomara a consistencia d'uma pasta molle, liquifazendo-se pouco tempo depois.

As misturas d'acido salicylico e de exalgina não podem por isto ser prescriptas em papeis ou em *cachets*.

Não se produz o mesmo phenomeno quando se substitue o acido salicylico pelo salicylato de soda.

Acido thiolinico

M. F. Kobbe preconisa este producto, que é um oleo

de linhaça sulfurado, como succedaneo dos compostos sulfurados, taes como o thiol. ichthyol, thialina e o tumenol.

Para o preparar, aquecem-se 6 partes d'oleo de linhaça com 1 parte d' enxofre, até ao desenvolvimento de gazes, isto é, perto de 230 graus. Depois do resfriamento, mistura-se o oleo sulfurado com duas vezes o seu peso d'acido sulfurico (densidade 1,84), e aquece-se a banho-maria, a 80-100 graus, até ao desenvolvimento d'acido sulfuroso e formação d'um liquido homogeneo. Lança-se este ultimo em agua, e, por malaxação, desembaraça-se dos acidos sulfurico e sulfuroso: recolhe-se o producto sobre um panno e secca-se a doce calor. O acido thiolinico apresenta-se sob a forma de massa grumosa, friavel. Pelo calor, assimilha-se a uma massa extractiva de côr verde-escuro; é insoluel na agua, mas soluvel no alcool; contêm 14,2 p. 100 d' enxofre.

Fundido com a potassa caustica, depois tratado pelos acidos, dá logar a um desenvolvimento d'hydrogenio sulfurado. As combinações alcalinas do acido thiolinico são soluveis, e o chloreto de sodio separa os saes d'este acido. Uma parte d'acido thiolinico exige pouco mais ou menos 0,123 de potassa caustica para a sua saturação. Os saes terrosos e os saes metallicos, como o sulfato de zinco e o nitrato de chumbo, precipitam o acido thiolinico dos seus solutos alcalinos.

Os ensaios therapeuticos não deram ainda resultados bem determinados.

VARIÉDADES

Malléina, toxina do mormo

Assim como a tuberculina é um extracto glicerinado das culturas do bacillo da tuberculose, assim a malléina é um extracto glicerinado das culturas do bacillo do

mormo. Do mesmo modo que a tuberculina, a malléina possui uma acção especial sobre as lesões produzidas pelo microbio específico. Do mesmo modo também como a tuberculina na tuberculose bovina, a malléina parece chamada a gosar um papel de primeira ordem no diagnostico e hygiene preventiva do mormo do cavallo.

M. Nocard, n'uma communicacão feita á Sociedade de medicina veterinaria, em 14 de abril de 1892, precisou estes factos, que teem sido constatados pelos veterinarios russos, MM. Kolning e Hellmann.

M. Roux preparou, no instituto Pasteur, da maneira seguinte a malléina, de que se serviu M. Nocard para as experiencias que elle effectuou:

Começa-se por exaltar, por meio de passagens successivas, a virulencia do bacillo mormoso, até que se torne capaz de matar, em menos de trinta horas, um coelho ou um ratinho branco, animaes ordinariamente refractarios.

O bacillo, assim provido d'uma virulencia fixa, é semeado n'um caldo de peptonas glicerinado, o mesmo de que se serve M. Roux para a cultura do bacillo de Koch. A cultura é abandonada durante um mez na estufa a 35 graus; é então esterilizada na autoclava a 110°, filtrada, depois concentrada, por evaporacão no vacuo em presença do acido sulfurico, até á reduccão ao decimo do volume primitivo. Temos assim um liquido sirupososo, escuro carregado, de cheiro viroso, contendo 50 por 100 de glicerina, conservando-se por muito tempo em logar fresco, ao abrigo do ar e da luz.

Emprega-se em diluicão ao decimo em agua phenicada a 5 por 1000.

Em diluicão assim preparada, a malléina determina, nos cavallos sãos, na dose de 10 centimetros cubicos e mesmo 5 centimetros cubicos, uma reacção febril intensa, que começa desde a oitava hora depois da injecção e que dura de doze a quinze horas, ao mesmo tempo que

se forma um tumor local. Na dose de 2 $\frac{1}{2}$ centímetros cubicos, as reacções local ou geral são nullas. Esta mesma dose determina, ao contrario, no cavallo *mormoso*, uma reacção muito intensa; forma-se, no sitio da injecção, um tumor volumoso; o animal está abatido, o olhar triste, a respiração precipitada: o corpo arripiado e a temperatura eleva-se de 2 a 3 graus, algumas vezes mais; este augmento de temperatura attinge o seu maximum perto da decima hora.

M. Nocard experimentou a malléina em 48 cavallos suspeitos de mormo; em 34, a reacção foi muito viva, e todos foram reconhecidos mormosos pela autopsia; nos 14 restantes, a reacção febril foi nulla ou pouco notada. Na opinião de M. Nocard, pode-se considerar definitivamente mormoso todo o cavallo, no qual a elevação de temperatura ultrapasse 2 graus; se a elevação thermica é nulla e não attinge um grau, o animal está são; se está comprehendida entre 1 e 2 graus, é prudente considerar o animal como suspeito.

Se quizer-mos apreciar pelo seu justo valor a importancia d'estas pesquisas, é necessario lembrar-nos de quanto é difficil desembaraçar-nos do mormo, quando elle faz a sua appareção n'uma cavallariça, quanto é insidioso e lento na sua evolução.

Antes de se manifestar exteriormente por signaes mais ou menos evidentes, o mormo pode existir, durante semanas e mesmo mezes, nos animaes que, são na apparencia, não são menos capazes de contaminar os seus vizinhos.

No exercito e em toda a parte, onde ha grandes aglomerações de cavallos, é necessario muitos annos de exforços e de cuidados para sanear um deposito, onde o mormo se manifestou.

O emprego systematico da malléina pode mudar estas condições, assegurando o diagnostico precoce do mormo. Observado o primeiro caso de mormo, submet-

tem-se todos os cavallos á prova da malléina, e abatem-se ou isolam-se os que reagiram nas condicções acima indicadas.

Qualquer que seja o futuro da malléina, sob o ponto de vista practico, eis em todos os casos duas doenças a tuberculose bovina e o mormo equino, que é possível fazer desaparecer logo que se manifeste. Theoricamente devem desaparecer por completo; para isto é sufficiente querer-se.

FORMULARIO

Poção contra o rheumatismo chronico

Iodeto de sodio	2	grammas
Bicarbonato de soda	4	»
Bicarbonato de potassa	7,50	
Licor arsenical de Fowler	1,50	
Xarope de salsaparrilha	150,00	
Agua distillada q. s. para dissolver.		
F. s. a.		

Doses: uma colher das de sopa depois de cada refeição.

Centro de Documentação Farmacêutica

Tratamento das colicas hepaticas da Ordem dos Farmacêuticos

Benzoato de soda	5	grammas
Salicylato de soda	5	»
Pó de noz vomica	5	decigrammas
Para 20 hostias.		

Para tomar uma 3 vezes ao dia, continuando o tratamento durante 4 a 6 semanas até desaparecimento das dores.

**Gargarejos sedativos contra as
pharyngites e estomatites**

Brometo de sodio	5	grammas
Agua fervida.....	300	»
Glycerina	45	»

ou melhor:

Extracto d'opio.....	0,05 a 0,10	»
Agua fervida.....	300	»
Glycerina	45	»

Podem tornar-se antisepticos pela addição de 5 grammas d'acido phenico, de 10 grammas de soluto alcoolico saturado de salol ou de 1 gramma d'acido phenico.

(*Rev. de chin. et therap.*)

Gargarejo desinfectante

Está indicado nos casos de mau cheiro da bocca por causas diversas:

Acido phenico, acido salicylico	5	grammas
Saccharina, bicarbonato de soda.....	3	»
Alcool	200	»

Para uso externo. Uma colher das de café para um copo d'agua quente para um gargarejo, muitas vezes repetido em 24 horas.

(*Monit. therap.*)

PEÇAS OFFICIAES

SESSÃO DE 27 DE DEZEMBRO DE 1892

Presidencia do sr. Sousa Telles

Aberta a sessão ás 8 horas da noite. O sr. 1.^o secretario leu diversas correspondencias, entre as quaes se destaca um officio dos srs. redactores do *Monitor Pharmaceutico* pedindo para que lhes sejam enviadas as actas das sessões d'esta Sociedade.

Depois de varia discussão, sob a conveniencia ou inconveniencia de apparecerem incertas as actas em jornaes estranhos antes de serem publicadas no jornal da Sociedade, resolveu-se permittir a transcripção depois de serem publicadas no nosso jornal.

Na ordem da noite entrou em discussão a seguinte:

PROPOSTA

Sendo indispensavel evitar-se que--em futuro não muito remoto, a classe pharmaceutica passe por uma crise gravissima, e attendendo a que--n'uma população como a de Lisboa--o numero de pharmacias já excede o rasoavel:

Proponho que se represente ao governo para que no projecto de reforma de exercicio profissional pharmaceutico--presentemente em discussão na parte consultiva de saude publica--se inscreva o principio de *limitação de pharmacias*, sendo isto regulamentado em harmonia com as necessidades do paiz.

O socio effectivo

Pedro Fernandes da Cunha

O sr. *Cunha* pedindo a palavra defendeu a sua proposta, mostrando os graves inconvenientes que podem

advir para a saude publica e para a manutenção do decoro da classe pharmaceutica se não se pozer um dique á febre do estabelecimento de pharmacias, que ultimamente se tem manifestado com uma intensidade assombrosa.

Falla mais sobre o assumpto o sr. *Alberto Veiga*, que considera a proposta do sr. Cunha como sendo a aspiração mais justa da classe pharmaceutica, que dia a dia vae vendo cerceados os seus interesses mais sagrados.

Fallam ainda os srs. *Pinheiro, Carvalho e Carreiro* que encontra prematura a proposta do sr. Cunha e não só prematura mas prejudicial, porque iria tolher a liberdade aos centenares de pharmaceuticos que em breves annos sahirão das escolas, e cuja ambição justissima garantida pelas leis do paiz se resume na aquisição d'uma pharmacia, onde livremente possam trabalhar, encontrando o premio das suas fadigas de 8 longos annos de trabalho e estudo.

Trocam explicações sobre a proposta os srs. Cunha, Carreiro e Alberto Veiga.

Posta á discussão foi approvada.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão; eram 10 horas da noite.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmaceuticos

O 2.º secretario

M. Falcoeiras.

Direito pharmaceutico portuguez

—*—

Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, edictaes, etc., relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza.

(Continuado de pag. 210)

N.º 403

Ministerio dos negocios da marinha e ultramar

Direcção geral da marinha

1.ª Repartição

Decreto, de 27 de fevereiro de 1890, reformando o chefe do serviço pharmaceutico do hospital da marinha, Joaquim Urbano da Veiga, com a graduação de capitão-tenente.

Tendo sido julgado incapaz do serviço activo pela junta de saude naval e do ultramar o chefe do serviço pharmaceutico do hospital da marinha, com a graduação de capitão-tenente, Joaquim Urbano da Veiga, o qual conta vinte e sete annos de serviço effectivo: hei por bem reformal-o com a mesma graduação e com o soldo annual de 576.000 reis, em virtude do que dispõe o n.º 3.º do artigo 10.º e o artigo 14.º da carta de lei de 22 de agosto de 1887.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar.

Paço, em 27 de fevereiro de 1890. = Rei. = *João Marcellino Arroyo.*

(*Diario do Governo, n.º 48, de 1890*)

da Ordem dos*Farmacêuticos

* *

N.º 404

Decreto, de 27 de fevereiro de 1890, promovendo o pharmaceutico Carlos Augusto da Rosa Leal a pharmaceutico naval de 1.ª classe.

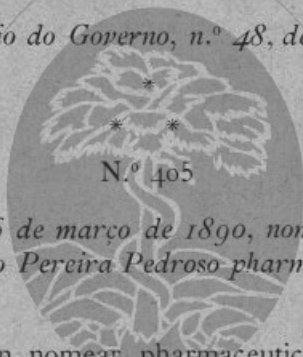
Tendo de assumir as funcções de chefe do serviço

pharmaceutico naval de 2.^a classe, Carlos Augusto da Rosa Leal: hei por bem, na conformidade do disposto no artigo 29.^o da lei de 29 de maio de 1883, promovê-lo a pharmaceutico naval de 1.^a classe, com a gradação de primeiro tenente da armada.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar.

Paço, em 27 de fevereiro de 1890.—Rei.—*João Marcellino Arroyo.*

(*Diario do Governo, n.^o 48, de 1890*)



Decreto, de 6 de março de 1890, nomeando o pharmaceutico Bento Pereira Pedroso pharmaceutico naval de 2.^a classe.

Hei por bem nomear pharmaceutico naval de 2.^a classe o pharmaceutico pela escola medico-cirurgica de Lisboa, Bento Pereira Pedroso, em conformidade com a classificação do ultimo concurso a que se procedeu para o provimento de um logar de pharmaceutico naval.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar.

Paço, em 6 de março de 1890.—Rei.—*João Marcellino Arroyo.*

(*Diario do Governo, n.^o 54, de 1890*)

N.º 406

Direcção geral do ultramar

1.ª Repartição

Decreto, de 13 de março de 1890, nomeando o pharmaceutico Norberto Paes de Oliveira Mamede segundo pharmaceutico do quadro de saude da provincia de Angola.

Attendendo á classificação que obteve no concurso a que se procedeu para preenchimento de logares de pharmaceuticos do ultramar, Norberto Paes de Oliveira Mamede, habilitado pela universidade de Coimbra, com o curso de pharmacia: hei por bem, em conformidade com o disposto no decreto de 2 de dezembro de 1869, nomear o referido Norberto Paes de Oliveira Mamede para preencher a vaga de segundo pharmaceutico existente no quadro de saude da provincia de Angola.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar.

Paço, em 13 de março de 1890.—Rei.—*João Marcellino Arroyo.*

(Diario do Governo, n.º 60, de 1890)

(Continúa)

F. de Carvalho.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

PHARMACIA**O Chloroformio dos Hospitaes**

—*—

M. Grimbert acaba de communicar á sociedade de pharmacia, d'Anvers, os resultados d'uma interessante experiencia sobre o chloroformio empregado nos hospitaes.

Em 1884 M. Regnault, depois de ter demonstrado d'um modo irrefutavel que o chloroformio se alterava muito rapidamente ao ar e á luz produzindo o gaz chloroxy-carbonico, annunciava ao mesmo tempo que este mesmo *chloroformio, adicionado d'um millesimo d'alcool, podia conservar-se indefinidamente á luz e ao ar.*

O que M. Regnault havia feito com um chloroformio chimicamente puro, foi repetido por M. Grimbert com o chloroformio dos hospitaes tal como é fornecido pela Pharmacia central. Este chloroformio era neutro ao tornesol, não turvava nem reduzia o soluto de nitrato de prata, não se corava em presença do acido sulfurico ou da potassa, mas corava-se ligeiramente pela addição d'um crystal de fuchsina, reacção devida á pequena quantidade d'alcool que se lhe havia ajuntado, depois das experiencias de Regnault.

São estes os caracteres d'um bom chloroformio anesthesico.

Era então interessante saber se este producto, preparado em grande para as necessidades hospitalares, resistaria tão bem aos agentes physicos como o de Regnault rectificado com todas as precauções imaginaveis em vista d'experiencias delicadas.

Em 3 d'agosto d'este anno, M. Grimbert encheu até ao terço dois frascos de vidro branco com o chloroformio em questão. Num ajuntou um pouco d'agua e abandonou-o sobre uma janella, que recebia os raios solares durante toda a tarde.

O conteúdo dos frascos foi examinado nos dias 17 e 24 d'agosto, 28 de setembro e 2 d'outubro, não se constatando nenhuns vestigios de decomposição. Depois de dois mezes, como no primeiro dia, o chloroformio era neutro e sem acção sobre o nitrato de prata, mesmo no frasco que tinha agua!

Se esta experiencia não nos apresenta nada de novo sobre a conservação do chloroformio pelo alcool, mos-

tra-nos todavia que o chloroformio dos hospitaes tão desacreditado por alguns praticos, é melhor que a sua reputação; que elle se pode conservar sem termos de recorrer ás empolas fechadas, nem aos frascos negros é que, decididamente, é preciso procurar na sua alteração a causa dos insuccessos em anesthesia.

(*Journ. de pharmacie, d'Anvers.*)

Xarope de lacto-phosphato de cal

H. W. Aufmwasser

Sabe-se que o numero de formulas, indicadas para a preparação d'este xarope, é consideravel, e que os trabalhos publicados a tal respeito são muito numerosos. A difficuldade d'esta preparação consiste na instabilidade do producto, no qual se formam precipitados de natureza variavel, contendo lactato de calcio ou de phosphato de calcio.

O objecto do presente trabalho consiste em determinar o character preciso d'estes precipitados e, conhecendo a composição d'elles, determinar o meio d'impedir a sua formação.

Estes precipitados apresentam-se sob duas formas caracteristicas: uns formam massas ou grupos de crystaes finos, apresentando a forma de couve-flôr; outros sob a forma d'um pó granuloso crystallino. Antigamente, acontecia que o xarope, ficando transparente, se solidificava, o que era provavelmente devido á precipitação do phosphato tricalcico. O auctor, não tendo tido occasião d'estudar similhante precipitado, ousa algumas vezes garantir a sua composição exacta.

Quando o xarope é preparado segundo a util formula de Rother, isto é, empregando duas moleculas d'acido phosphorico e tres de carbonato de calcio, o precipitado apresenta-se geralmente debaixo da forma d'um pó granuloso e crystallino, que se deposita pouco a pouco,

mas principalmente depois da addição e solução do as-sucar.

No exame d'um tal precipitado, o calcio foi doseado no estado d'oxalato e pesado no estado de carbonato; o acido phosphorico foi doseado no estado de phospho-molybdato d'ammoniaco e pesado no estado de pyro-phosphato de magnesio; a agua determinada por differença.

Fazendo a analyse d'este precipitado, M. Aufmwas-ser doseou (por 100) Oxydo de calcio 40,56; acido phosphorico 51,54; agua 7,90.

Os numeros permitem estabelecer que o precipitado contem duas moleculas d'oxydo de calcio, uma molecula d'acido phosphorico e uma d'agua, a que corresponde á formula $P^2O^5(CaO)^2H^2O$.

A primeira forma de crystaes (precipitação em massa) foi encontrada n'um xarope preparado segundo a formula officinal e que havia depositado estes precipitados lentamente durante dois ou mesmo em grande numero d'annos. Este precipitado era solúvel na agua, lentamente a frio, mas facilmente a quente, dava as reacções do calcio e do acido lactico, era neutro aos papeis reagentes, e por todas estas razões era lactato de cal. A formação d'este precipitado é devida a este facto, que na formula da preparação do xarope de lacto phosphato de cal, está indicada uma quantidade de lactato de cal muito maior para a quantidade d'agua que deve dissolver-a, a formula designando uma parte de lactato para 7 partes d'agua, emquanto que a mais pequena quantidade d'agua destinada a obter um soluto estavel de lactato calcico é de 9 e meia partes d'agua para 1 parte de lactato.

Apesar d'isto, não é ainda certo que se possa impedir a formação do precipitado, mas como elle se redissolve aquecendo o xarope, podemos considerar o soluto como tendo uma conservação muita longa.

A formação do segundo precipitado (crystallisação pulverulenta e granulosa) é devida á decomposição d'uma pequena parte do phosphato tetra-hydro-calcico em phosphato mono-hydro-calcio e acido phosphorico livre; a presença d'este ultimo produzindo um estado d'equilibrio estavel. Quanto mais o soluto for diluido, tanto maior será a quantidade relativa d'acido livre para conservar esta condição d'estabilidade. Remedeia-se isto pela addicção d'acido phosphorico antes da addicção do assucar.

E' preferivel fazer o soluto servindo-nos do carbonato de cal e do acido phosphorico em vez do phosphato de cal.

Assim, deve-se obter o calcio no estado de phosphato tetra-hydro-calcico; a decomposição d'este ultimo evita-se pela addicção do acido phosphorico.

Na pratica, se o acido livre é a quarta parte da quantidade empregada do acido phosphorico para obter o phosphato tetra-hydro-calcico, o sal soluvel de calcio, esta quantidade será sufficiente para prevenir a decomposição.

Não será sufficiente preparar um soluto de phosphato tetra-hydro-calcico ou de preparar um soluto de phosphato tetra-hydro-calcico em presença do acido lactico livre; em cada um dos casos se precipita phosphato mono-hydro-calcico. A presença do acido phosphorico livre é necessaria.

A formula seguinte fornece um xarope d'uma composição estavel.

Carbonato de calcio.....	23,3 partes
Acido phosphorico a 50 p. c. .	109,4 »
Acido lactico	33, »
Agua de flôres de laranja..	80, »
Assucar	600, »
Agua distillada q. s. para fazer	1000, de producto.

Dissolve-se o carbonato de calcio no acido phosphorico e na agua de flôres de laranjeira; quando houver 150 partes de soluto filtrado, ajunta-se agua distillada q. s. para obter 400 partes. Dissolve-se o assucar n'este soluto, evitando o emprego de calor exaggerado.

(*Journ. de pharmacie, d'Anvers.*)

**Solubilidade das essencias,
phenols e derivados phenolicos n'um
soluto de salicylato de soda**

M. Condary observou que o extracto fluido de casaca sagrada, adicionado d'um soluto aquoso de salicylato de soda, (partes eguaes d'agua e de salicylato), dá um liquido limpido, miscivel com a agua em todas as proporções.

Mais tarde, verificou que o acido phenico se dissolve facilmente no mesmo soluto; assim dissolvido, este acido perde, em parte, as suas propriedades toxicas; a mistura é miscivel com a agua em todas as proporções.

A creosota dá igualmente um liquido limpido com o soluto de salicylato de soda, porem o liquido torna-se leitoso quando se ajunta a agua.

O guaiacol é tambem mais soluvel que a creosota no soluto do salicylato de soda.

Se misturarmos partes eguaes de creosota e de soluto de salicylato de soda, obteremos um producto xaroposo, do qual se póde fazer uma boa massa pilular adicionando-lhe pó d'alcaçús. Esta massa conserva-se molle durante muito tempo.

O menthol e o thymol são igualmente soluveis no soluto de salicylato de soda. As essencias gosam da mesma propriedade, a proporção, porem, de soluto a ajuntar varia conforme a natureza da essencia; alem

d'isto, o liquido turva-se na occasião de se ajuntar nova quantidade de soluto; é o que se verifica nas essencias d'anis, hortelã pimenta, cravinho, funcho, etc.

Com uma essencia que contenha alcool, é necessario ajuntar maior quantidade de soluto de salicylato para se chegar á turvação final; as essencias adicionadas d'essencia de terebinthina não podem ser dissolvidas senão empregando uma grande quantidade de soluto de salicylato, produzindo então a turvação mais rapidamente. M. Courady espera tirar d'estes factos dados que permittam descobrir empiricamente certas falsificações das essencias.

Ensaio da pomada mercurial

Com o fim de dosear o mercurio existente no unguento mercurial, M. Boyeldieu recorre ao processo seguinte, que elle considera como o mais pratico e como dando resultados mais satisfatorios que o processo pelo ether ordinariamente empregado.

O methodo consiste em saponificar a banha que as pomadas contém; toma-se 10 grammas de pomada, que se introduzem n'uma capsula de porcellana, com 5 centimetros cubicos de soda caustica a 36°, 5 centimetros cubicos d'alcool a 90° e 150 grammas d'agua distillada; leva-se á ebullicão por espaço de cinco minutos, depois dos quaes a substancia gorda está saponificada. O sabão formado fica em solução na agua; decanta-se, e lava-se o mercurio, por duas vezes, com o liquido seguinte:

Soda caustica	2	centimetros	cubicos
Alcool a 90°	2	»	»
Agua distillada	150	»	»

a fim de tirar a substancia gorda que reste; a cada um

d'estes tratamentos, leva-se á ebullição e decanta-se. Finalmente, o mercurio é lavado duas ou tres vezes com 10 grammas d'ether. Resta só seccar o metal em papel de filtro e pesal-o.

Cantharidina

A preparação da cantharidina tem dado excellentes resultados n'estes ultimos annos, seguindo o processo seguinte, pelo qual se obtem no estado livre e combinado: Maceram-se, a frio, durante dez dias, 1000 partes de cantharidas medianamente finas n'uma mistura de 1500 partes d'ether acetico (D=0.902) e de 20 partes d'acido sulfurico (D=1.838). Depois da addição de 40 partes de carbonato de baryta, trata-se tudo pelo ether acetico n'um apparelho de deslocação. Recolhe-se o dissolvente por distillação; o residuo formado por cantharidina, materias gordas e resinosas é abandonado, durante oito dias, para deixar crystallisar a cantharidina. Ajuntam-se 200 partes d'ether de petroleo (D=0.740) e aquece-se docemente para facilitar a solução da gordura; o soluto é filtrado, e a cantharidina lavada com o ether de petroleo, depois recrystallisada em alcool a 90°. O producto é quasi branco e sufficientemente puro para a preparação dos emplastros, etc. Para a obter no estado de pureza, faz-se recrystallisar pelo ether acetico, depois da addição de carvão animal.

As quantidades de cantharidina obtidas tem sido as seguintes: *Lytta vesicatoria*: 0.30 a 0.45 p. 100; *Episcanta Gorrhami* (do Japão): 0.45 p. 100; *Mylabris Cichorii*: 0.90 a 1.30 p. 100.

Nas formulas do cerato cantharidado das diversas pharmacopêas, extrae-se somente a cantharidina *livre*; pelo processo seguinte, extrae-se a cantharidina total.

Fundem-se 525 partes de cera amarella em 100 par-

tes d'azeite, e ajunta-se uma mistura de 1 parte d'acido sulfurico (D—1,838) e de 10 partes d'alcool a 90°, depois 250 grammas de pó de cantharidas. Mantem-se a massa por duas horas a 60-70 graos, com agitação frequente, ajuntando-lhe finalmente uma mistura intima de 2 partes de carbonato de baryta e de 60 partes d'alcool a 90°.

Este processo suggeriu a questão de saber se não seria preferivel ajuntar previamente a mistura acida ás cantharidas e em seguida o azeite e a cera.

Cantharidato de cocaina e de potassio

Esta nova mistura, impropriamente chamada cantharidato de cocaina e de potassio, obtem-se adicionando ao cantharidato de potassio 1 % da de chlorhydrato de cocaina. Segundo o dr. A. Hennig, é a melhor forma d'administrar a cantharidina. Emprega-se especialmente em injeccões hypodermicas na dose de 0^{gr},0001 a 0^{gr},0004; não determina dor, e é assaz solúvel na agua chloroformada.

Crésylato de cal, novo desinfectante

Do mesmo modo que elle se dissolve na lixivia de soda, o crésylol bruto se dissolve igualmente no leite de cal. Extingue-se uma parte de cal viva com o auxilio de quatro partes d'agua e ajunta-se ao producto cinco partes de crésylol bruto. Obtem-se assim um liquido xaroposo contendo 50 p. 100 de crésylol, missível na agua em todas as proporções. Se a cal fôr em maior quantidade, o producto será solido, menos facilmente solúvel na agua, mas mais transportavel.

O crésylato de cal é, segundo Fodor, um desinfectante poderoso, utilisavel para a desinfecção em grande e preferivel ao phenol.

Sozal
—*—

O sozal ou para-phenol-sulfonato d'alumina tem um gosto muito adstringente, fazendo lembrar o cheiro do acido phenico. E' muito soluvel na agua, glicerina e alcool. O professor Girard e o dr. Lüscher ensaiaram-o sob o ponto de vista bacteriologico e clinico; observaram que, se é fraco debaixo do ponto de vista antiseptico, presta excellentes serviços como adstringente e como anti-suppurativo nas ulceras tuberculosas e na cystite; pôde substituir o iodoformio e as outras preparações d'alumina. Nos casos de cystite, emprega-se em injeccões da 1 0/0.

A sua posologia e accção therapeutica exigem novas pesquisas.


Chronica
—*—

Com o maior prazer publicamos o seguinte artigo do *Journal de Pharmacie*, d'Anvers, que se refere ao nosso dilecto amigo e venerado mestre, o sr. dr. Joaquim José Alves. Não é só no nosso paiz que este illustre pharmaceutico-chimico é conhecido e respeitado pelos seus trabalhos scientificos; tambem no estrangeiro são apreciados e d'um modo muito honroso para a classe pharmaceutica, da qual o sr. dr. Alves é um ornamento, os importantes trabalhos realisados, pela Sociedade pharmaceutica.

«*Sociedade de Pharmacia de Portugal*. — Em 30 de julho ultimo festejou-se o anniversario solemne d'esta Sociedade. O seu presidente, o sr. dr. Joaquim José Alves, antigo alumno da Universidade de Bruxellas, pronunciou, n'esta occasião, um discurso magistral concernente á historia da medicina e da phar-

macia. Esta exposição retrospectiva remonta ás práticas mysticas dos egypciacos, segue as phases da arte de curar nas Indias, na Grecia, lembra a antiga escola de Salerno, depois as transformações da sciencia chimica e pharmaceutica até aos nossos dias.

Presta homenagem aos sabios que elevaram a nossa profissão: Sckeele, Baumé, Parmentier, Berzélius, Berthollet, e a outros d'este seculo: Guibourt, Soubeiran, etc., etc.

Relata em seguida a criação da *Sociedade de Pharmacia de Lisboa* em julho de 1835 e os seus trabalhos.

Felicitemos com interesse os nossos collegas portuguezes e o seu valoroso presidente, bem como desejamos que a sua sociedade continue por longos annos.»

A.



Parque Vaccinogenico de Lisboa

Este estabelecimento fundado em 1888, de que aqui falámos então, e que é já bastante conhecido no paiz e no estrangeiro, gosando do melhor conceito, pela muita proficiencia, seriedade e perseverantes esforços de seus directores, os srs. drs. Carlos Moniz Tavares e Guilherme José Ennes, vae em breve entrar no sexto anno de sua existencia.

Dos quatro annos anteriores, acabamos de receber um magnifico relatorio, de 96 paginas e oito mappas geraes da receita e despeza do Parque Vaccinogenico, que está instituido na bonita e importante propriedade da rua de S. Bernardo n.^o 43 a 51, pertencente a um dos seus directores, o nosso bom amigo sr. dr. Moniz Tavares.

Por estes mappas se vê que tem sido necessario uma

grande vontade para não desanimar, e seguir ávante pelo caminho encetado.

O unico premio que tiveram pode-se dizer que foi o que lhes deu a consciencia de bem terem desempenhado o dever que se impozeram, que será garantia para de futuro tambem alcançarem outra retribuição.

Já se antevê isto, porque o numero de pessoas vaccinadas tem augmentado, e ao consumo da polpa succede o mesmo.

A polpa vaccinica em pó, é a que o relatorio reputa destinada a supplantar todas as outras.

Descripto o processo Reissner, de Hesse-Darmstadt, para reduzir a polpa a pó, dizem em pag. 48.

«A polpa vaccinica, assim em pó e resguardada, offerece as melhores garantias de inalterabilidade e duração e tem uma virulencia bem provada pelos resultados da sua applicação. Segundo Furst é o modo por excellencia de conservação da substancia vaccinica, opinião muito seguida e que nós compartilhamos, é tambem a forma que recommendamos para a remessa de vaccina para pontos distantes, para as nossas colonias, por exemplo, para todos os sitios, onde tenha de soffrer demoras de viagens, altas temperaturas ou outras influencias meteorologicas e climatericas e, por isso, a aconselhámos em officio dirigido á Direcção Geral do Ultramar, por occasião d'uma requisição, que nos foi feita pela mesma Direcção.»

Muitas considerações acerca do cuidado que se deve ter para que a vaccina animal produza os seus bons resultados, se encontram no relatorio, que é interessante lér-se, e muito convem ser conhecido, não só da classe medica, mas tambem do publico.

E nós, estimando ter occasião de assim o afirmar, terminamos, agradecendo a boa offerta que tivemos.

F. de Carvalho.

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

A

- Absinthina, 199.
Acido borico (solutos saturados de), 66.
Acido filicico amorpho, 54.
Acido lactico (o) como prophylactico dos ataques de gotta, 55.
Acido nitrico (pesquisa do) na agua, 26.
Acido salicylico (o) e seus principaes compostos, 49.
Acido salicylico (o) e seus compostos, 27.
Acido thiolinico, 215.
Actas das sessões, 1, 3, 4, 21, 41, 61, 101, 103, 141, 181, 186, 190, 201, 202, 221.
Albumina (dosagem da) na urina, 38.
Alguns aparelhos (sobre) usados nas analyses toxicologicas dos alcaloides, 83, 107, 125, 193.
Alumnoi, 214.
Antonio Cesar Correia Mendes (decreto nomeando) segundo pharmaceutico do quadro de saude da provincia de Angola, 105.
Antonio Joaquim de Sousa Doria (decreto promovendo) a primeiro pharmaceutico do quadro de saude da provincia de Angola, 106.
Antonio Joaquim de Sousa Raposo (decreto reformando) com a graduação de major, 44.

B

- Bento Pereira Pedroso (portaria nomeando) pharmaceutico naval de 2.^a classe—interino, 44.
Benzoato d'antipyrina, 48
Benzonaphtol, 54.

C

- Cantharidato de cocaina, 212.
Cantharidina, 232.
Cantharidina (acção visicante da), 14.
Cantharidato de cocaina e de potassio, 233.
Carlos Augusto da Rosa Leal (decreto nomeando) pharmaceutico naval de 2.^a classe, 123.
Cascara sagrada como tœnifugo, 137.
Cheiro (contra o) fetido da bocca, 40.
Chimica, 20, 46, 95, 111.
Chloral camphorado, 179.
Chloroformio (O) dos hospitaes, 225.
Chocolate de kola, 134.
Chronica, 234.
Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes, etc., relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza, 11, 23, 43, 63, 81, 104, 123, 208.
Chumbo (o) nos acidos tartarico e citrico, 130.
Colicas hepaticas (tratamento das), 219.

Collodios de ichthyol, 32.
Commissões permanentes, 2.
Condurango (estudo pharmacologico do), 75.
Convallaria Maialis, 34.
Cradina, 212.
Cresylato de cal (novo desinfectante), 233.

D

Direito pharmaceutico Portuguez, 11, 23, 43, 63, 81, 104, 123, 208, 222.
Discurso do sr. presidente, dr. Joaquim José Alves, commemorando o 57.º anniversario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 152.

E

Epidermina, 211.
Essencia de rosas falsificada pela de geranio, 179.
Espanjas com iodoformio, 36.
Estrychnina (a existencia da no cerebro em seguida á administração d'este alcaloide, 135.
Ether (a proposito d'uma poção de), 30.
Exalgina, 71.
Exalgina (incompatibilidade da) com o acido salicylico, 215.
Extracto aquoso secco de monesia, 65.
Extracto ethereo de feto macho (toxicação de) e acido filicico, 58.

F

Ferreira Lapa (conselheiro) — necrologia, 138.
Formulario, 38, 60, 100, 119, 219.
Francisco José das Neves Junior (decreto nomeando) segundo pharmaceutico do quadro de saude da provincia de Angola, 64.

G

Gargarejo desinfectante, 220.
Glycerina (creme de), 119.
Glycerina (gelea de) para as mãos, 120.

Glycerina iodada, 16.
Glycerina (suppositorios de), 73.
Guaiacol, 96.
Guaiacol biiodado, 99.
Gutaperka (a) como vehiculo dos medicamentos, 116.

H

Hématogene, 99.
Hydrochlorato d'apocodcina 53.
Hydrochlorato de hydrastinina, 46.
Hypnal, 68.

I

Ichthyol, 31.
Iodoformio (ensaio do) 214.
Iodozone, 198.

J

Joaquim Albino Fernandes (decreto promovendo) pharmaceutico do quadro de saude da provincia da Guiné portugueza, 13.
Joaquim José Alves (discurso do dr.) proferido na sessão solemne, 152.
— (decreto reformando) com a gradação de capitão de fragata, 81.
Joaquim Urbano da Veiga (decreto ordenando que) pharmaceutico naval de primeira classe, passe á inactividade temporaria, 43.
(decreto ordenando que) regresso á actividade do serviço, 82.
— (decreto promovendo) a chefe do serviço pharmaceutico naval, 82.
João Vicente Sant'Anna Dias (decreto promovendo) a primeiro pharmaceutico do quadro de saude da provincia da Guiné portugueza, 12.
— (decreto reformando) com a gradação de major, 13.
José Dionysio Corrêa (premio), 147.
José Eduardo Ferreira de Carvalho (decreto nomeando) se-

gundo pharmaceutico do quadro de saude da provincia de Angola, 65.

— (decreto annullando o que nomeou) segundo pharmaceutico do quadro de saude da provincia de Angola, 104.

Justiniano de Almeida Pinto Canela (decreto promovendo) a primeiro pharmaceutico do quadro de saude da provincia de Moçambique, 124.

Justiniano de Sousa Gonzaga (decreto nomeando) segundo pharmaceutico do quadro de saude da provincia da Guiné portugeza, 23.

K

Kolas africanas, 133.

L

Lista dos doadores e objectos doados á Sociedade durante o 57.º anno, 148.

Lista dos funcionarios no 57.º anno, 2.

Losophane, 215.

Luciano Cordeiro (officio de) a respeito de medicameutos secretos, 5.

M

Maléina, toxina do mormo, 216.

Manoel do Espirito Santo de Almeida Coutinho (decreto reformando) com a graduacao de major, 45.

Masrium, 111.

Medicamentos novos, 128.

Mentol chloral camphorado, 100.

Mixtura explusiva, 210.

Myrrha (solutio concentrado de)
74

N

Naphtalina (a) como authelminico, 37.

Naphtol (sabonete de) contra a caspa, 38.

Necrologia, 138.

Nitrato de cocaina, 56.

Nova preparacao borica, 15.

O

Oesipus, 179.

Oleo de figados de bacalhau adicionado de substancias medicamentosas, 114.

Oleo de ricino (contra a rancidez do), 116.

Opio, 176.

P

Pães de trigo (a digestabilidade dos) molles e de trigos rijos, 87.

Parecer acerca das cooperativas para o consumo de medicamentos, 7.

Parecer acerca da lei de 1808, 9.

Parque vaccinogenico de Lisboa, 235.

Peças officiaes, 1, 21, 41, 61, 101, 121, 141, 181, 201.

Peptonas e Peptonatos, 116.

Pharmaceuticos da reserva do exercito activo, 19.

Pharmacia, 14, 27, 49, 65, 96, 114, 130, 176, 198, 210, 225.

Pharyngites e estomatites (gargarejos sedativos contra as), 220.

Phenol, 57.

Picrato d'antipyrina, 48.

Picrotoxina, 118.

Picrotoxina (a) contra os suores nocturnos, 37.

Pilulas contra a tuberculose, 40.

Pilulas d'iodoformio e de creosota, 60.

Pocão contra o rheumatismo chronico, 219.

Pocão de kola, 100.

Pomada contra a eczema, 120.

Pomada de ichthyol, 31, 32.

Pomada mercurial (ensaio da)
231.

Portaria nomeando uma comissão composta de pharmaceuticos para elaborar os projectos de reforma do ensino e exercicio profissional pharmaceutico, 208.

Q

Quadro da Sociedade, 151.

Quinina (a reacção da), 132.

R

- Reforma (a) do ensino pharmaceutico perante as condições financeiras do paiz, 17.
 Regimento (decreto approvando o) do preço das drogas, medicamentos e manipulações, 24.
 Reitor (o novo) da Universidade de Coimbra, 199.
 Representação da Sociedade Pharmaceutica Lusitana á cerca do sello de licença, 102.
 Representação dirigida á commissão das pautas, 204.
 Representação ponderando ao governo a conveniência de haver pharmaceuticos adjunctos ás alfandegas de Lisboa e Porto, 121.
 Representação respeitante ás especialidades pharmaceuticas, 5.

S

- Sabão ichthyolado, 33.
 Sabões medicinaes, 30.
 Sacchareto de kola, 134.
 Salicylamida, 16.
 Salicylato de cal, 48.
 Salicylato d'esperina, 132.
 Salipyrrina, 47.
 Salol, 70.
 Salpingo-Ovarites, 137.
 Sessão solemne (acta da), 141.
 Sociedade das Sciencias Medicas (officio da), 102.
 Solancas (os alcaloides das), 178.
 Solubilidade das essencias phenola e derivados phenolicos n'um soluto de salicylato de soda, 230.
 Solutos aquosos de ichthyol, 32.
 Soluto camphorado para injeções hypodermicas, 57.
 Soluto de condurango, 100.
 Solutol e Solocol, 128.
 Somnal, 67.
 Sopherina e Cytisina, 55.

Sozal, 235.

- Stronciana (os saes de) contra a taenia, 37.
 Succedaneo da gomma arabica, 74.
 Sulfonal (o) contra os suores dos tísicos, 37.

T

- Tabaco (acção prophylatica do), 75.
 Thilanina ou lanolina sulfurada, 129.
 Thiophene, 95.
 Tintura d'iodo, 73.
 Toxicologia, 135.
 Trabalhos originaes, 83, 107, 125, 193.

U

- Unguento contra a sarna, 120.

V

- Variedades, 16, 34, 53, 75, 118, 137, 216.
 Vaselina liquida iodada, 72.
 Victorino Jose da Silva Tavares Mõreira (decreto nomeando) segundo pharmaceutico do quadro de saude da provincia de Moçambique, 106.

X

- Xarope de casca de laranja azeda, 75.
 Xarope de hemoglobina, 100.
 Xarope d'iodeto de ferro, 215.
 Xarope de lacto-phosphato de cal, 227.

Z

- Zozimo Joaquim da Rosa Limpo (decreto transferindo) do quadro de saude da provincia de S. Thomé e Príncipe para o da de Moçambique, 25.

942
 191



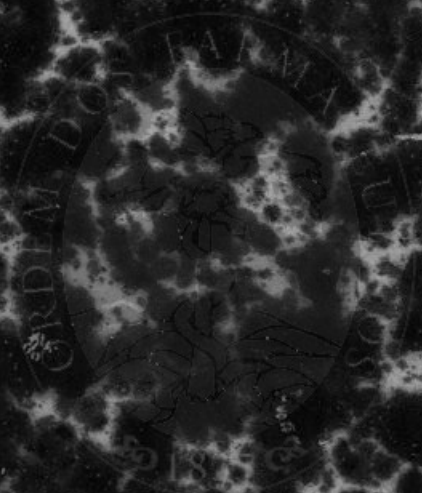
Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Digitized by Google

